

Eu respondi um tanto ou quanto mal humorado; e recordo-me de que lhe disse que pediria a demissão do partido unionista para não complicar ou prejudicar a política do governo. E não se falou mais no assunto e peu novidade chegamos a Lisboa.

Este Balduino de Seabra quando estudante cadete em Coimbra era conhecido pela alcunha de Napoleão por ser baixo, sempre rido e um tudo nada insolente.

Em Lisboa vi a família, jantei com ela em casa de meus cunhados Costa-Ferreira em Belem e á noite lá fui no comboio da noite, depois de ter marcado previamente um compartimento com cama.

A bagagem despachada em Cart.º Branco seguia conforme o itinerario marcado na minha guia e lá a iria encontrar em Parti. não como, de facto, encontrei. E lá fui, confortavelmente na cama do compartimento e, se me não enganar, dormi.

Em Tunes, disse de largar a comodidade do compartim.º aquecido. Saltei na plataforma da estação agasalhado como vinha e

sentí um ar tépido; ainda era noite e fui tomar um café á cantina da estação. A roupa pesava-me, estranhei o facto e pensei q. não estaria bem. Tomei o pulso...

Não me lembrei que estava no Algarve, q. Castelo-Branco estava quente.

O ramal de Tunes a Perlimão foi passado em parte de noite, em parte com o amanhecer; de vez em quando via a brancura de umas amendoeiras em flor; com o clarear, os campos apareceram verdejantes e ao parar na estação ou apeadeiro de Estômbar, fiquei quase atônito ao ver uma povoação muçulmana na encosta fronteira e em baixo, na estrada, um homem emburrado em qualquer coisa branca sobre as campalhas dum burro.

Onde estava eu? No Algarve ou em Marrocos?...

Mas o comboio seguiu e em Perlimão, ao desembarcar, abafado com o peso dum capote de porco, que mandára fazer em Castelo-Branco, tive a estranha sensação, aliás agradável, de que estava em outro clima.

Bá fora, no largo, supprando um pedaço da estação me contratava uma carrinha e me arrumava a bagagem, em consequência

o espectáculo do mascar do sol sobre a baía do Arade, por decima dum castêlo cuja sombra se projectava pela agua espelhada.

Fiquei-me, encantado, a olhar; e esse cenário nunca se me apagou da memoria.

Hoje, passados 46 annos, não descreveria por menores porque a minha caneta de escrever não daria a prosa necessaria para fazer viver tal maravilha da Natureza e tambem porque a memoria já não ajudaria muito.

Fiquei-me a olhar, elevado, até o cocheiro me chamar á realidade. O Castêlo-Branco veiu-me á lembrança como sonho meu... A beleza, a calma, a suggestão de tudo aguilto!... Como é que eu conseguí passar tres meses nas agruras de Castêlo-Branco sem dizer nada?

Passava um rapazinho para a barra, tão suavemente, deslizando como um briquedo que mal agitava a agua, lançando uma colunazinha delicada de fumo; do outro lado da baía, um casarêdo muito branco começava a polverear na encosta; gaiotas esvoaçavam, patreiras, por entre os barcos que iam lançando a amarração. Tudo adora nel simplicidade em tudo.

O cocheiro chamou-me; tirei o capote de parapota que escandalizaria o bom algarvio; fiquei-me ainda agasalhado com o sobretudo forte; acochepei-me na carriinha que me pareceu fragil de mais para o passageiro e para a bagagem; olhei ainda para a marinha da enseada e... o carro partiu.

Lembrei-me de ver o termómetro que havia na suíte: marcava 12 graus acima de zero. O céu estava limpo, o ar muito calmo. Tudo á volta respirava frescura amavel.

Para onde caminhava eu, naquela tranquillidade pitoresca, por estrada branca que cortava campos e esteiros verdejantes? Deixei-me embalar pouco lentamente; e quando já o sol ia alto e se sentia já com alguma força, ao contornar uns muros brancos, eis-me em frente do casarão de Lapos, com o ruído cheio da maré a lembrar as proximidades do mar e, dentro em pouco, a ante-ver, para a esquerda, por sobre umas construções banais, o deslumbramento da Baía.

Chepára ao fim da jornada. Castelo- Branco ficára bem tempo, como ponto mian; a que

la alegria do ambiente contrastava com a triste secura da planície beirã de que eu já me não queria lembrar. Entrei na hospedaria acolhedora onde duas senhoras me receberam com cortesia; deram-me um quarto alegre que deitava para uma rua de casas caiadas, com janelas de onde se via o sol brilhante e se respirava qualquer coisa de tranquilidade e de bem estar.

Considerai-me, não sei se justamente, não e salvo. Como ainda me lembro da satisfação com que me recebi á mesa para um almoço saboroso e repousante!

*

Apesar de considerar acabadas as lembranças da aventura de Castelo-Branco e antes de contar o que foi a minha temporada em Lagos, quero ainda referir-me a uns resumos que ficaram arquivados do episodio e que servem para reumaté da jornada.

Vamos, pois, terminar com isto para que esta minha boa noite não fique o cheirar ~~real~~ real...

É claro que os jornais exploraram o caso da minha transferência.

Logo em 7 desse mês, de Fevereiro o jornal O Mundo, em telegrama da Curitiba, noticiava o facto comentando que eu tivera assim o prêmio da minha lealdade e amor à Republica.⁽¹⁾

Em 11, O Debate, de Coimbra, Democrático, transcrevendo este telegrama da Curitiba, acrescenta uns comentários amáveis relativamente à posição que tomei.

Em 12, minha novamente O Mundo com remarks ao Brito Camacho por não fazer qualquer allusão ás perseguições no exercito tanto mais que um dos perseguidos era eu, «velho republicano que é correligionario do sr. Manuel Camacho.» etc. etc.

Sempre a mesma historia que era necessario explorar para tirar efeitos.

Em 13, veiu a Defesa de S.^{ta} Clara, de Coimbra, que insiste na mesma pergunta: onde está a solidariedade do exercito perante a minha transferencia e de outros officiaes que não aderiram?

É claro que todas estas noticias amáveis

(1) Tanto esta como as outras noticias sup.^{tes}, ficaram guardadas nas cit.^{as} folhas de recortes.

a meu respeito eram dadas porque serviam
 excelentemente aos democraticos — pois fri-
 zavam sempre que eu era camachista e assim
 os meus inimigos tinham mais valor.

Não lhes fiquei agradecido.

Parece o que deu no gôto a muita gente
 foi o arbispo do Brito Carnacho na leita do dia
 15 de Fevereiro. O arbispo intitulava-se « S'
com esclarecer » e de mistura com alusões á
 baralhada politica, referia-se á minha trans-
 ferencia em termos tais que eu, tendo, per-
 guntei a mim mesmo quem era o official vi-
 sado pelo autor.

O Dr. Faria, chefe unionista em Lagos (de
 quem adeante falei) e' que me mostrou o jor-
 nal com palavras de aprovação. Fiquei aturdi-
 do porque não contava com tal coisa e devo di-
 zer, com franqueza, que me senti lisonjeado.

Aquellas palavras, escritas e assinadas pe-
 lo Camacho que me não conhecia e que eu
 nunca vira, eram verdadeiramente de gota
abaixo e causaram sepulho a muitos cam-
 chistas que, como o Balduino de Seabra, de
 quem acima falei, entendiam que eu deveria
 aderir á manifestação das espadas... sem pen-
 sar. Fiquei, no verd., atômto.

O artigo tem por título: É' bom esclarecer
e a parte que me diz respeito é esta:

« Vimos q. foi transferido um oficial que é nosso amigo politico, republicano de sempre no passado, sempre republicano no futuro, porque não mudam de credo os homens da sua tempera e do seu caracter, e o seu caracter é de uma rara nobreza. Não sabemos porque o transferiram; mas antes mesmo de laçarmos a esse respeito quaisquer informações, temos a certeza de que ela não deriva de qualquer falta que manche a sua honrabilidade de official, porque nenhum ha capaz de lhe dar exemplos de correção, de lealdade ou de altivez. »

Não se pode pedir mais. Foi, por assim dizer, um triumpho ou, visto por outro aspecto, uma vingança depois de toda a trapaalhada em que me vi envolvido.

O Brito Camacho tomou a m.ª de fesa sem eu pedir nem sequer insinuar; não me conhecia e o que escreveu foi (talvez depois) por informes e garantias do dr. Alberto de Moura Pinto e do almirante Amaro

de Azevedo Gomes, irmão do coronel Francisco Gomes aqui m.^{to} plado já.

Posso eu dizer mal do Brito Camacho nessa altura apodado de traidor á Republica?

Só cheparamos á fala uns anos depois, aí por 1918, como ainda teuciono contar.

Na vespera desse dia em que chepei a Lapa o jornal, isto é, a 15, escrevi eu duas cartas em resposta a solicitações; uma do dr. Mauro Pinto, outra do cor.^{el} José da Silva Bandeira, de Coimbra. A ambas respondi e aqui deixo abaixo, por curiosid.^e, as duas respostas q. correspondem bem ao meu estado de espirito.

Estas cruzaram-se com o numero de A Luta em que vinha o artigo cujos termos não seriam estranhos ao artigo de O Mundo, de 12, a que acima me referi. O Camacho, indirectamente, respondeu ás insinuações com a finura e rigor que sempre costuma na manter em casos como este em semelhantes.

Aí ficaram as cartas apenas como documentos. Primeiramente a dirigida ao dr. Alberto de Mauro Pinto:

« O possêgo desta bela terra, a esplendida
 baía e a excelente temperatura que o meu tão
 querido e querido mercado, restituiram-me a
 tranquillidade... o bom humor. E devo deste
 já confessar-lhe que se não respondi logo á
 sua muito prezada carta foi porque a entri-
 ga da Companhia me tomou bastante tempo.
 — Muito e muito grato me confesso ao meu
^{meu} Amigo e ao Dr. Brito Carneiro — tão lon-
 ge estava de supôr que a minha attitude poder-
 se ser apreciada como foi! — É injusta esta
 minha frase, de certo, mas ella refere-se ao
 tempo de Castello-Branco em que meem meio
 absolutamente reaccionario e numa região
 feia como os demônios, eu via tudo com er-
 rada visão. Quero acreditar nisso; e agora,
 sem ver á volta as pedras negras encapeladas
 de neve e charuecas extensas sem um pon-
 to de beleza onde posar os olhos, sem sentir
 á volta os olhares desconfiados dos bons ambi-
 gos discipulos de S. Fiel e ouvir a « Talassa-
 ria » apalçada que constituiu a guarnição da
 cidade. — eu sinto-me, na verd., outro,
 com os nervos tranquilos e meus mal hu-
 morado... — Muito e muito obrigado, pois;
 desejava falar-lhe mais largamente acerca do

que se passou em Castelo-Branco; mas parece-me que será suficiente em reem-
 ken-lhe uma copia de uma exposiçao que fiz pa-
 ra a hipotese de uma reunicaõ que quereri
 e que nunca se realizou. — Por ela verá o
 meu Am: o que se passou e o que determi-
 nou a minha attude. Se achar congnida
 não a leia; mas se tiver paciencia poderá
 fazer ideias do que se passou e ficará fazendo
 ideias, tambem, do meu genero literario...
 Não a mandei hoje porq. não tive tempo de
 a copiar; mas logo que possa. ⁽¹⁾ — E creia-me
 com estima, etc. etc. »

Segue-se a outra carta para o coronel
 José do S.ª Brandaõ:

« Recebi a sua preciosa carta de 11, já lo-
 gois de ter deitado no correio uma outra. O
 correio aqui é distribuido quase á hora da
 saída da deligencia e difficil é responder no
 mesmo dia. — Recebi tambem uma carta
 do Alvaro de Castro a que quero responder ho-
 je, na qual me conta coisas varias — mas

⁽¹⁾ Tenho ideia de q. a não cheguei a mandar.

eu que tambem diz o que eu pensava, isto é, que ha no ministerio republicanos sinceros que nunca deixariam as coisas caminharem de forma a que a Republica se perdesse. — Eu gostei de ter aquilo que, de mais a mais, é escrito por um democratico graduado, pois por muito que digam eu não concordo com o epíteto de traidor e de monarchico q. dão ao Brito Carnacho. — Teria errado? Teria sido corrido? Não sei; porque neste espaço vazio da politica, occupo um modestissimo lugar de geral e não fui ainda aos bastidores; mas aquilo de que me não convenco é de que ele, Carnacho, ajuda de mãos dadas com os monarchicos. — Não! de forma alguma. — Por isso tenho sob reserva, a conspiração de q. o meu Cor.^{to} me fala. Eu tenho obrigações, pela sua amizade, de lhe falar claro, sem reticencias, não é verdade? Teria que me faz a justiça de acreditar que, por muito opostas que estejam as nossas opiniões, eu nunca deixo de o considerar como sempre o considerei: um amigo e um homem de uma só fé. Pois bem: para mim, essa organização militar que anteejo pela sua carta e pelo do Alvaro, é uma organização democratica... — Não será?...

Mas de quem ha-de ser se se consideras traidor o Brito Carnacho e Talassa o dr. Antonio José de Almeida? — Tu creis que fui uma excepção, por esse País fora, neste maldito caso; de mais, os que não aderiram eram ... democraticos. — Quanto a defender a Republica, estou sempre pronto e neste caso o mostrei; mas a favorecer a subida do partido democratico, com o pretexto duma Republica honesta que é necessario implantar, é que não estou disposto. O meu Car.^o, com o seu entusiasmo absolutamente louvavel, não estará um pouco alheado das coisas terrenas? Olhe que os homens são sempre más, mesmo os bons ... — Desculpe estas palavras, mas eu disse que tinha obrigação de lhe falar claro. — E creia-me, etc. etc.»

E para acabar, sempre quero aqui referir o que o velho amigo Julio Ribeiro dos Santos escreveu no seu Comercio da Lavoura em 19 do mesmo Fevereiro, ao transcrever o Val Telegrama da Covilhã para O Mundo.

São simples palavras que lembram as relações comigo desde criança e a certeza da minha linha de conduta se não afastar do q.

deveria sempre ser. Este Julio Ribeiro
 dos Santos foi moço da mequina de injri-
 mur na tipografia de meu Avô Manuel Ca-
 etano de Silva, quando eu era criança mi-
 gorrinha e muitas vezes andou comigo ao
 colo. Era bom homem. Não deveria muito
 á intelligencia mas foi sempre honrado e
 leal e como republicano sobre tudo Repu-
 blica... depois dela implantada.

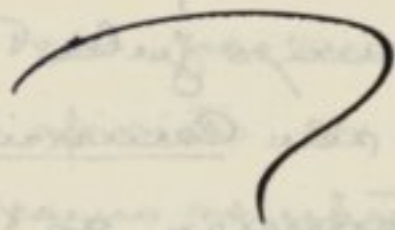
A lausã monarchica e reaccionaria dos
 pés á cabeça, não me perdoava.

A noticia, pois, enterneceu-me. Guar-
 dei-a, como aetnas, na colleção dos recortes.

É pronto final.

Paz, S.^{to} André de Mafra:

5 a 23 de Agosto de 1861.



VII

« Ora vamos com paciência ao re-
quimento da história. »

Camilo Castelo Branco: Como Deus
castiga. Cronica, in Dispersos, vol. V
a pag. 254.

Lagos, depois da rapida volta, ao aca-
so, em que procurei desveendar a grande
baía, deu-me a impressão de calma e de bem
estar. Não seria, evidentemente, a terra de
promissão — nem eu contava com isso; mas
que peregridade pueril da vasta baía, da
grais do lado mais norte, em curva regular, a
perder-se, lá adiante, para as alturas da al-
deia do Alvar!

E depois, as ruas claras, com casas em
regra baixas, muito caiadas, a reflectir a luz
polar, pareciam-me acolhedoras. Seria tudo
consequencia da mudança rapida que fiz da
triste e fria cidade allicastrense, onde a mé-

me caía sobre a megalha da Terra, para esta claridade magnífica da beira-mar, com águas da cor de ametista e a verdura imponente do povo de Monchique a emoldurar o horizonte do lado norte.

É possível que o meu emburrecimento tivesse natural origem na ocasião; mas hoje passaram uns terríveis 46 anos, quero crer que os motivos fossem não só provenientes da beira do oriente como também de me ver livre do pesadelo, da suspeição e espionagem que me cercava, do quase prisão no hotel pouco confortável. Agora, via-me ali, a respirar fundo um ar marítimo puro, com temperatura primaveril que me fazia esquecer a roupa com que vinha desde a manhã da véspera.

Tempo, depois de uma volta ao acaso pelas imediações do hotelinho acolhedor, tardei-me e fui apresentar-me, sobre a tarde, ao comando do regimento de Inf.^{te} n.º 33.

Só no dia seguinte fui dado por presente nos mapas respectivos e assumi o comando da 5.^a Comp.^{ta}, do 2.^o Batalhão que era comandado pelo major António Justino Ramos. No caminho para o quartel ia pensando co-

meu poderia ser recebido. Não esperava, com frequência, que o fosse de traços abertos; todavia contava com a indiferença pelo meus da maioria.

Comandava a unidade o coronel Augusto Cesar Pires Sacramento, o homem dos códigos, muito conhecido pelos meus manuais explicativos de autos e sentenças de que eu, varias vezes, me servi em diligencias de Justiça; e como não conheceria ninguém lá com curiosidade bem natural — pois era também natural que no regimento houvesse curiosidade de ver o herético que vinha tombado da Beira-Baixa por falta aos deveres de solidiedade.

Final, tudo correu bem.

O ambiente era outro. O coronel recebeu-me cortezmente, sem alusões á causa da minha transferencia; o 2.º comandante que era o major José Veloso Leite (que foi meu comand.º de Batalhão desde 23 de Fevereiro⁽¹⁾) falou-me afavelmente; o ar severo e car-

⁽¹⁾ Em 23 de Fev. chegou a Lapa a O.E. n.º 4, 2.ª serie, de 17, 9. confirmava a m.ª transferencia e me collocava na 3.ª Comp.º do 1.º Batalhão de 9. era comand.º o major Leite. Tomei posse nesse dia.

raucido que um rosto muito triste veio com
farta bigodeira lhe dava, teve um momento
de brandura... Seu pai se no seu espiri-
to passou a ideia do desarranjo q' sempre
causa uma transferência forçada?

O ajudante do regimento era o capitão
já antigo Marianas⁽¹⁾, conhecido matematico
que me não tinha nenhuma importância
quando o fui cumprir o cargo; a sua secre-
taria estava sempre liada, apenas sobre a
pasta um caderno de papel em branco su-
de se riam garantias algébricas ou geomé-
tricas; passava as horas da sua obrigação
ocupando calculos e problemas e se
alguem se atrevesse a ir á sua presença por
motivo de serviço, dizia a seu velozmente que
se dirigisse ao parente-ajudante...

Os officiaes respeitavam-me todos com
certa afecuosidade, distinguindo-se o al-
fonses Leonel Neto de Lima Vieira (hoje gene-
ral) rapaz de certa distincção, inteligente,
meio literato, versajador nas horas vagas,
com quem me dei bastante durante a mi-
nha permanencia em Lagos. Também me

(1)

acolheu bem o Tenente Rato ⁽¹⁾ que depois fez o curso do Estado-maior e veio a morrer em consequencia dum grave desastre de automovel em Angola. Este rapaz era, no regimento uma especie de topa-a-tudo, quase indispensavel em todos os serviços, com feições um tanto aborventes, mas ao mesmo tempo muito prestavel.

Encontrei lá, já alferes muito recente, o antigo 1.º sargento de Caçadores 3, do meu tempo de Valença do Minho, David Monteiro, filho da dona do Hotel Valenciano onde eu tive hospedado em 1907-1908. Este era o unico oficial conhecido; os outros, que não eram muitos, constituíam um aglomerado sem valor que, já a 46 anos de distancia, a memoria se meça a enumerar e classificar com um ou outro pormenor.

O 1.º sargento da minha 3.ª Companhia, João Garcia de Barros J.^{ar} era rapaz com ~~um~~ ares finos, casado com uma rapariga bonita (que gostava muito que a mirassem e apreciassem) e tambem distinta; percebi logo que o rapaz era um dos mais notaveis

⁽¹⁾ Paul Frederico Rato.

espiritãs de Lagos, terra em que o Espiritismo pululava; na minha pasta apareciam varias rãs papelinhos de propapanda espiritã e até folhetos com poesias ou grupos de escriptores mortos transmittidos por mediuns. Nunca tivei importancia ao facto e fiz de conta que não tinha conhecim.^{to} desse proselitismo — aliás innocente.

Tivei com boa impressão de todos e até do quartel que tinha a particularidade de estar dividido. O comando e as secretarias estavam num bom edificio dos fins do seculo XVIII, amplo, com janelas sobre a barra e sobre a baía, com a principal fachada a deitar para a praça sobre da terra, rectangular, com grande passeio central calçado de pedra meudinha. As casernas estavam separadas umas com 200 metros, em construções arcaicas da velha praça de guerra, ao fundo de uma rua estreita sem interesse.

Esta parte do aquartelamento tinha uma cerca ainda grande, em declive para o mar, onde se fazia a instrução dos recrutas. A cima, num recanto, havia uma especie de rebiro, com telheiro e assentos ladrilha-

dos de onde se avistava, em cheio, a maravilhosa baía, com a curva da praia a estender-se para nascente, limitada pelo verdeira de matas ou figueiras.

Uma letira que nunca me esqueceu.

Dizeram-me que esse recanto fôra arranjado pelo cor.^l Jacinto Inácio de Brito Rebelo, o historiador e biógrafo de Gil Vicente, quando comanda o regimento. Era para ali que ele ia sempre, fujido á prona das obrigações do comando, ler e escrever os seus trabalhos.

Eu também muitas vezes para lá fugia com qualquer livro quando apauhar a algum intervalo de trabalhos; era um tocado bom, de calvaria, absorvido pela austeridade do cenário, pelo ar fino do mar que ali, naquele fim de mundo, era dum grandeza peculiar. Ali passei horas, recatadamente, lendo, meditando e impregnando-me de que ambiente — para guardar reservas suficientes para quando saísse do Algarve e, muito naturalmente, voltasse a Coimbra.

Em 1927, salvo erro, durante meus reuniões do meu curso de Escola do Ex.^o no Buzaco, a que ~~se~~ compareceu o Ernesto Ju-

dice de Oliveira, então como seu Ten.^{te}-cor.^o; comandava nessa altura o regimento de Infantaria 33 e lembrei-me de lhe perguntar se ainda existia esse recanto tão agradável no alto da cerca do aquartelamento; ele respondeu logo que sim, e que exactamente por esse sitio hipisenco mandara ali construir as pentinas dos soldados.

É claro que não fiz comentário; mas pensei que os ossos do Tom Brito Rebelo, quando se fez a construção das pentinas, deveriam estrecho car-se de pasmo.

A vida do quartel era a mesma de sempre qualquer; para mim, porém, com a reparação da secretaria e das casernas, ainda existiam os quartos de comando das companhias, tinha eu sêjo de sumas deslocações que eu, quase sempre ampliou para os lados da baía, para contemplar a sua beleza e, em especial, um conjunto de rochedos que surgiam logo adiante, das águas, limitando umas jorraisinhas de pitoresco digno de boa atenção.

Não me faltava de contemplação, por muitas vezes furtiva, desses admiráveis recantos; a água, quando as ondas que-

bravam na areia, davam a impressão de que se liquefaziam pedras preciosas...

Isto não é exagero. O que pode ser é eu não traduzir com fidelidade aquella impressionante conjunto que para sempre me ficou nos olhos. Sentia-me sensibilizado; e perante tudo aquilo, e como contraste, a temerança dos dias de Castelo-Branco surpia-me por veres como pesadelo.

Poucos dias depois de lá estar veio a encorporação de recrutas; formáram-se duas companhias e eu fui commandante de uma das e deixei-me por subalternos os alferes Leonel Vieira e David Monteiro.

Foi um período agradável, esse. Passados os primeiros tempos mais reacadores da instituição, comecei a dar-lhe fôra do quartel, nos terrenos que dominavam a baía; e por veres eu marchas até á Ponta da Piedade — admirável local onde ha um farol sobranceiro a uma caldeira em que o mar entra por ararias cujo encanto se não deo creue.

Dava aos dois pelotões missões separadas, marcava-lhes o farol para ponto de reunião; e enquanto os subalternos cumpriam as missões dadas, eu pegava para a Ponta da Pie

dade e pentágonos - me pareceu espécie de cadei-
rão formado pela Natureza nas rochas, na
parte saliente do aglomerado - e ali me
fiquei a olhar...

Metia no bolso da farda um livro; mas
em regra não o abria. Aquelle deslumbram-
mento prejudicava-me e assim esperava a
reunião dos pelotões para lhes dar um pouco
no descanso e comentar com os alferes a
beleza de tudo aquilo.

Voltéi lá uns 40 anos depois. A comis-
são de turismo construiu uma estrada as-
faltada, ajardinou o local e levantou bancos
para os visitantes. Teria feito bem; mas en-
tendi-me com saudade do aspecto natu-
ral que tudo aquilo tinha em 1915, quando
fantasiava com o Leonel Vieira a cadeira q.
Vitor Hugo descreveu nos Travailleurs de la
Mer que nós compararíamos á que estava
ali, naquela Ponta da Piedade, talhada sim-
plesmente pela Natureza.

Enfim... A Civilização exige que se ba-
nalize tudo.

A instrução de recrutas acabou nos ul-
timos dias de Abril; e eu posso dizer que fo-
ram ~~uma~~ umas semanas admiráveis que

na minha vida ficaram, felizmente, a marcar com pedra branca.

Voltando um pouco atrás ...

O regimento não tinha, na altura, medico militar. O serviço de saúde era feito pelo facultativo civil dr. Faria, irmão do general Bernardo Faria. Depois da sua formação estabeleceu-se em Lagos como medico municipal e foi residir para uma hospedaria na rua de Gil Canes — a pitanesca rua de Gil Canes que eu tanto apreciei.

Essa hospedaria era dum casal de gente nova e dizia-se que o filho desse casal que era o Tenente Rato de quem já falei, era meu mais meu menor do que filho do dr. Faria. Seria ou não seria; a verdade porém é que a cabeça do Tenente era do mesmo feitio com tanto eu quanto a pupula da do dr. Faria e em especial a forma da testa.

Mas deixemos a sua liguca.

O dr. Faria era o chefe carnachista de Lagos. Quando pela primeira vez dei com ele no quartel, cumprimentei-o logo, tanto mais que era já pessoa de certa idade e muito respeitado. Não sabia, do começo, que era

homem do Barão Camacho; achei-o simpático e ele correspondeu ao cumprimento com toda a afabilidade. E conversámos ligeiramente.

Nisto, em 15, releutou o artigo d' a L u t a e o dr. Faria apressou-se a procurar-me com um exemplar do jornal e a felicitar-me pela justiça feita, etc. etc. Ao mesmo tempo falei vagamente numa carta recebido do general Alberto da Silveira que fora ministro do da Guerra, na qual eu era tratado como amigo e pessoa de confiança.

É claro q. a conversa levou-me a contar como as coisas se passaram em Castelo Branco; e o dr. Faria parece q. ficou convencido de que eu não poderia proceder de outro modo.

No final ficámos de não amigos, pelo que nos simpatisantes; e durante a minha permanencia em Lagos tive muitas e muitas occasiões de conversar com ele que era, de mais a mais, um excelente conversador, espirito liberal e muito desapegado.

Ora do artigo do Barão Camacho e da carta do Gen.^l Silveira resultou que em 22 de Fevereiro fui procurado polentemente no hotel

pelo dr. Faria, pelo pintor e director da Escola Industrial Falcão Triposo e por outros individuos que me não lembrava já quem era, que, em nome da Comissão Municipal Unionista de Lagos me cumprimentavam e ofereciam os seus prestimos.

Conversámos, e' claro; eu dei as minhas impressões acerca da terra, impressões que os lisongearam; falámos vagamente de politica e ficámos todos muito satisfeitos...

Estava, pois, consagrado na boa cidade lacrolipense. E devo dizer que os poucos de moderados que lá havia reuniveram comigo, quando por acaso nos aproximávamos, a mais correcta posição.

E em vista do artigo d' A Luta e da visita da Comissão Municipal do partido, entendi que devia escrever ao Brito Camacho, a agradecer-me tudo.

Na verdade, eu não poderia querer mais. Foi quase uma consagração que fez calar a má vontade de grande parte dos car. relegionarios.

Matutei, fiz rascunhos, e por fim, em 24 de Fevereiro mandei a carta seguinte ao chefe unionista. Abrei fies para memoria e

agora, já passados 46 anos, ao rele-la, confesso que a mão achei muito mal escrita, parecem, talvez, um pouco preferenciosa...
 « ^{meu} Sr. Dr. Brito Carneiro: Recebi ha muitos dias uma carta do dr. Maura Pinto ⁽¹⁾ escrita a pedido do Ule. carta que era extremamente amavel p.^a mim. Quis agradecer, como era de meu dever, quando li um artigo de A Luta assinado por Ule. umas referencias a um official unionista, referencias que eu só vi que me diziam respeito, quando o dr. Maura Pinto me afirmou em sua carta ⁽²⁾ — tão exageradamente amavel pois elas eram e tão pouco eu sou para me recer que de tal forma se occupou de mim! — Esse artigo atrapalhou-me e por esse facto tenho demorado os meus agradecim.^{to} seu cordado e sua demora representar meus reconhecimento e meus considerações por Ule. — Quando adversarios politicos

(1) Esta guardada na collecção de cartas.

(2) Parece haver aqui alguma discordancia com o que disse no pag. 204 quando o dr. Faria me procurou. Não me lembro já se o q. ficou na carta seria para dar mais forças ao agradecim.^{to} É possível. Já lá não 46 anos tem passados.

expleráram com a minha attitude e muitos conrelegionarios já deuidavam de mim e eu inuapinava, neste fim de mundo, que para aqui ficaria esquecido, Vleé. veio com a carta que pediu ao dr. Mauru Pinto para eserever e com o arbispo d' A Luta, dar-me a certeza de que ainda vale a pena proceder-se conforme se fala e falar-se conforme se pensa. — Por tudo, pois, creia Vleé. sempre na dedicação pessoal e politica do que é, etc. »

E assim a vida em Lapos foi correndo, (poderei dizer) suavemente.

No regimento era bem tratado; com a população civil, nas poucas relações travadas, vivi sempre em boa e correcta harmonia.

Procurei um dia na Câmara Municipal de que era chefe da Secretaria, o Manuel João Paulo Rocha, o historiador de Lapos que eu quiz conhecer não só por curiosid. natural de colega mas também para ver se obdinha esclarecimentos acerca dos meus ascendentes algarvios de apelido Baustarf.

O Paulo Rocha era então pessoa já de certa idade; recebeu-me bem mas teve a impressão de que era creatura pouco social.

Deu-me, todavia, umas notas relativas a varios algarvios meus antepassados que usavam o sobrenome de Bustarff; mas que no erer que me não daria as notas em referencias mais importantes — no que, devo dizer, fez muito bem.

Isô de trabalhar, investigar, queimar as pestanas, para dar de mãos beijadas, a um quidam o produto de caueiras, não é realmente razoavel. Eu que o diga pois tenho pido, nesse capitulo, um tanto ou quanto troux como hoje se diz em lingua-gem fina.

Poucas vezes falei com elle; não era conversador; no entretanto via-se que tinha certa illustração e era sabedor da historia algarvia e neste assunto entredinha um pouco e embora fosse necessario dar-lhe corda, isto é, dar-lhe o tema e depois puxar-lhe pela lingua.

Dei-me tambem, não obstante com certa cerimonia, com o pintor Falcão Triposo de quem já falei. Era bonita figura, mas cula, barba romãmbica, chapéu de alca larga bastante avulgado, tudo a dar-lhe a apparecia de artista — que, na verdade, era.

Visitei-o algumas vezes na escola Industrial onde tinha a sua oficina. Cavaguedo-mos um pouco, mostrava-me os seus quadros em que predominavam os motivos algarvios com as ruínas agrupadas a meia-noite. Um dia vi-o a pintar o entardecer na costa leste do farol, quando as ribeiras altas tomam a cor quase de gema de ovo. Ele chamou-me a atenção para esse fenómeno pois varios artistas seus colegas, perante alguns quadros com esse motivo, negavam a possibilidade daque colorido.

É a verdade é que eu verifiquei que essas cores, a certas horas da tarde, e com a atmosfera mais densa, apareciam á nossa vista para regalo inédito dos olhos.

Era bom cavaguedo, parecia sempre bem disposto, contava anedotas. Simpatizei com ele e por isso não fui á convivência.

Vi-o a saber, anos depois, que abandonára a esposa, uma bella penhora de Lagos, m.^{te} distinta e tambem artista, por uma discipula qualquer que lhe deu volta ao miolo. Graças humanas que não tem grande explicação. Adiante.

Encontrei-o, passados quase 40 annos, na Socied. Nacional das Belas-Artes, durante uma exposiçã dos seus quadros; mais velho, e' claro, quase todo branco, mas ainda com o mesmo ar donjuanesco, leu disposto, falador.

Morreu muito pouco tempo depois.

Aparte estes intervalos de Arte, a unica pessoa com quem tinha um ou outro entre-talhe mais ou menos literario, era o alferes Leonel Vieira.

Eu ja' tinha lido então uns livros de Teixeira Gomes⁽¹⁾; comprei lá, ainda em Fevereiro, o Inventory de Junho; e como o Leonel era algarriz com ja' cento e achava a prosa desses livros admiravel, as conversas a cerca deles eram frequentes, demoradas e agradaveis.

No final da instrucção de recrutas tivemos um exercicio de lineaque junto do lugar de Beuzafim, ao norte de Lagos; eu me li no bolso da farda a Gente singular comprado

(1) leram eles o Agosto Azul e as Cartas para personal nenhuma.

poços antes numa espécie de alfarrateista
 q. descolari na cidade, porque ha nesse livro
 umas paginas com impressões recolhidas exa-
 tamente na encosta da terra que domina pe-
 lo norte aquella curiosa aldeia.

Nem qualquer intervalo de serviço, na
 manhã seguinte, eu e o Leonel subimos um
 pouco pela encosta da terra, coberta nesse altu-
 ra de esteva; e desde que aristámos o mar
 sentámos-nos numa pedras altas e eu li
 essas perfectas paginas descriptivas que são,
 certamente, duma pureza e exactidão de ju-
 ra. O Leonel exultava; os seus vinte e pou-
 cos annos e as suas tendencias literarias, de-
 rram-lhe certo enthusiasmo que eu, frequen-
 temente, comprehendo.

Na verdade não se pode descrever me-
 lhor; o quadro era exacto; não havia redun-
 dancia de termos ou qualquer hiperbole de
 bairrismo; a descripção era concisa e perfei-
 ta. No final da leitura ficámos calados, absor-
 vidos pelo encanto do typo pausarona em
 frente, pela musicalidade da prosa e até pelo
 cheiro acre da esteva em completa floracão.

Eu, que pela primeira vez conhecia o
 Algarve e nunca vira uma extensão de estê-

va como aquela; perante tal cenário de serra e mar, de colinas verdes onde os figueirais cobriam encostas inteiras — senti-me transportado a mundo diferente. Aquela luz especial que tudo inundava com carícia, a serenidade da região, o mar a brilhar tão tranquilo, davam-me sensações de bem estar q. ha muito não sentia nem pensava sentir.

O Leonel, releuendo a descrição de Teixeira Gomes, voltado para os lados do mar, tomava atitudes românticas; tudo aquilo foi, em reduzido tempo, uma bebedeira de Belera...

Posso quase apropriar-me deste trecho de prosa de Teix. Gomes noutro livro: « Causemo fielmente insculpida na memoria a paisagem dessa manhã extraordinária, pois a sua deliciosa claridade é que pela primeira vez se me ofereceu perpartar, entre mim, se Deus não secherá o mundo todo de uma bebedeira igualmente interessante, sem escolha de lugares, que só a nossa obstinada cegueira appareceu nos mais cativantes

(1) Inventory de Junho, pp. 51-52 (1.ª edição)

"que outros..." Realmente o criador es-
 pathou muita beleza pelo mundo; esta que
 tinha ali em frente era uma delas — e na-
 quella gloriosa eu não me lembrei dos me-
 gumes da Beira Baixa...

Um Vaque de canoeta chamou-nos a
 realidade; descermos a encosta; a Gente Sin-
gular voltou para o bolso da farda; e chegá-
 mos ao tinague para reencontrar a vida nor-
 mal de instructores de recrutas. E ainda
 hoje mantenho bem nítidas as impressões
 dessa manhã de Abril, já quente, com o
 céu limpo e m.^{to} azul; e ainda é das con-
 sotações da vida que conservei, aquele conjun-
 to de graças espiritual e de tão belas coisas
 da Natureza.

O mesmo direi de umas praiasinhas que
 ha a frente de Açor, recatadas, escondidas en-
 tre rochas altas, com rochedos patentes das
 águas, talhados quase com arte, como meus
 ãos que ali surpisessem e ficassem petrifica-
 dos. Muitas rézes fugia para uma ou outra
 e ali ficava um bocadinho entredido a ler e a
 ver as ondas tão brandas quebrárem-se nas
 pedras. Quando a maré estava mais baixa
 ve-se de umas praias para as outras por area

rias de certo misterio, meuzozas, que teu
braam desenhos de Gustavo Doré.

Ueu encantamento. Causava-me es-
tado de almas como Alphonse Daudet defi-
niu: « On ne pense pas, on ne rêve pas
"non plus. Tout votre être vaus échappe, s'en
"vole, s'éparpille... »⁽¹⁾

Hoje creio, pelo que oigo dizer, que o Tu-
rismo travatizou tudo aquilo.

Apesar de as lembranças de Castelo-Bran-
co me darem a impressão de pesadelo, certo
numero de pessoas com quem tudei mere-
ceram-me, contudo, a atenção de lhes es-
crever e dar noticias minhas.

Escrevi cartas « literarias » e o tema
delas, como era natural, foram as belezas
da provincia algarvia. Logo em Fevereiro
escrevi ao João Manuelo Grave e ao Profes-
sor Eurico Sales Vieira; ao primeiros, dan-
do impressões da cidade de Lagos e arredores,
ao segundos, com ironia, acerca da falta de
obras de arte comparativamente com a

(1) Le Phare des Sauguinaires, in Lettres de mon
muselin, pag. 63, vol. I (Ed. A. Fayard, 1947).

abundância delas em Castelo-Branco. Escrevi ao meu condiscipulo Julio Carrão de Oliveira que fôra desterrado para Bragança e me pedia notícias; é possível que ele não atingisse a ironia inocente com que eu chie a carta. E ainda mandei outra ao Augusto Casimiro, então no Cayo Portuês, creio que governador do distrito, dando-lhe conta do meu caso de Castelo-Branco.

Parece-me que de nenhum destes destinatarios tive resposta. (1)

E assim ia correndo a vida em Lagos, sem polêmicas nem afecções. As vezes surpia um caturrice com o major Veloso Leote. Este pobre homem, nada inteligente, quando lhe dirigiam qualquer pergunta ou lhe faziam qualquer duvida, começava sempre a resposta pela frase sacramental:

— Vamos ver a cartilha...

A cartilha era o regulamento que ele, em regra, mal sabia interpretar. Muitas vezes havia discussões a que ele, pobre homem, não reagia. Parece que no meu intimo ha-

(1) As cartas são as n.ºs 33 e 36 do 2.º vol. das Cartas, a pag. 270 e seg.^{tes}

ria a noção da sua inferioridade e de que não nascera para cavalarias altas.

A certa altura, em fins de Março, o coronel Saromêchio largou o comando e foi colocado, como desejava, em lista; precedeu-lhe o coronel Lazaro do Ilhucido Corte-Real, homem distinto, inteligente, natural de Lagos e com a sua casa de família na terra.

Fera simpático e sempre temperava as caturnices do major Lotté com a finura de sua boa educação. Chamavam-lhe «o Lazarinho» por ser pequeno de estatura media e magro e para o distinguir de um primo, também chamado Lazaro Corte-Real, homenzarrão forte conhecido por «o Lazarão.»

Este Lazarão era sogro do Falcão Trizoso e, se não expulso, também era oficial de Infant.º já reformado.

Do terminar a escola de recrutas afirmei os três dias de dispense e fui passaloz a Sagres, numa hospedaria, a unica, dum parente de marinha reformado.

A descida de Vila do Bispo para o Bro-montario, naquele tempo quase desfrida de

vegetações, dava a ideia dum convén colossal por onde a carrizava deslizaava; - dum lado e do outro, via-se o mar cada vez mais próximo, o vento varria livremente a terra, até que, ao chegar á hospedaria, em frente da muralha que separa o Promontorio propriam.^{te} dito, o mar bate tão perto que se ouve muito bem o ruembar das ondas.

A' direita, o Cabo de S. Vicente atraiá-me pelo seu velho prestigio. Lá fui, numa das manhãs, a pé, encostá fóra, ruminando reminiscencias históricas.

Tudo aquilo, na verd.^{de}, tem grandera; mas a verdade também é que eu não encontrei nessa grandera que se póde classificar de austera, qualquer coisa que me comovesse e me fizesse evocar o Grande Infante. A muralha é quinhentista, salvo erro; lá dentro, no Promontorio, uns caselles velhos sem qualquer atractivo; o pólo parecia saído duma conclusão geologica; na extremidade, um farol moderno como qualquer outro. Um ar agreste varria a superficie do Promontorio; em tudo se sentia dureza natural e se não verdadeiros os retratos que os cronistas dão do Infante, o ambiente estava

perfeitamente adequado. Aquilo se em 1915 era ainda incógnito — o que seria nos começos do século XV?

A contrastar, porém, a austeridade da Praia da Mareta, logo a leste, em frente ao hotelzinho, atraía os meus olhos. A meio-ha uma ilha coberta de verdura, quase como um açoitado ali caído; era um viveiro de gombas que, a qualquer ruído mais forte, esvoaçavam em bandos alegres.

Voltei para Lagos, na tarde do 3.º dia, em auto em quanto desiludido; e quando em 1954 por lá passei, em tarde ventosa a prometer chuva, notei que o Turismo aliudina os terrenos fronteiros á muralha com jardins á moderna, plantio de arvoredos resistente ao clima e pinalizações profusas para os automobilistas se não separarem no caminho.

Continuei a não encontrar motivos de comoção; a mesma dureza do clima, a mesma aspereza da terra — só o mar está na magnifico, ligeiramente movimentado pelo vento noroeste forte, deixando em laixo, nos rochedos, espectaculosas girandolas de espuma.

Ultimamente, por occasião do centenário do centenario, o Promontorio foi preparado para a profanação de multidões de curiosos; o solo arazado para se poder fazer seu prado; os jardins mais floridos com plantas resistentes á razeira do vento; tudo proporcionado á ostentação patriótica da grandiosa festa.

Assim entrou Maio e a vida regular caiu na monotonia do costume, na rotina vulgar que me dava desejo a fugir para o tal retiro do Brito Rebelo, no alto da cerca ou a uma ou outra escapada em barco, ao tempo das praiasinhas pitorescas, em occasião do mar calmo e embora com ondulação larga e alta que me parece não ser vulgar nas costas do norte.

Essas escapadas eram feitas em companhia do Leonel Vieira e ás vezes com o tenente Baptista, "curioso tipo de rapaz inteligente e ilustrado mas que nunca cheguei a perceber. Eram intervalos agradaveis, para mim ineditos, e que não esquecerei.

O Leonel, romântico, ia para a proa do barco, seu pé, cruzava os braços como seu desafio ao Oceano; o Baptista, mais prosaico, observava o fundo do mar, através da água transparente e notava os peixes, um ou outro peixe agarrado às rochas e a variedade de pedras.

Eu apreciava o pitoresco das margens, das graiasinhas recatadas, dos rochedos pontiagudos que afluviavam as águas; e pensei que aquela tranquilidade de vida não poderia durar muito tempo, de facto, não durou.

Em certa manhã, em 13 ou 14 daquele mês de Maio, veio ordem de prevenção rigorosa; em Lisboa estalava uma revolução... O que peria, o que não peria?

As hipóteses não faltavam e eu de nada sabia. E afinal era mesmo mais ou menos do que o fim da ditadura do general Pimenta de Castro.

Em Lagos tudo correu normalmente; as notícias eram lidas com curiosidade, as prevenções acabaram e a vida continuou sem alteração. Naquele fim do mundo, tudo chejava tarde e atenuado pela distância. Era quase um paraíso...

Um dia, nos jornaes, veio a noticia de que os officiaes transferidos por motivo da « manifestação das espadas » seriam collocados nas unidades de onde saíram. Ao ler isto poleresaltei - me... E então iria eu, outra vez p.^o Castelo-Branco?

É certo que, se para lá voltasse, seria recebido por aquella comitiva com os braços abertos. Mas eu é que não estava disposto a receber tal prova de delicadeza e de affecto.

É possível que assim fosse. A seguir ao 14 de Maio vi nos jornaes que a guarnição de Castelo-Branco foi das primeiras a prestar vassalagem ao novo governo.

Que meue poderia dar a esses homens?

Mas, eu fim, esperei os acontecimentos e resolvi não pedir nada e não me fazer lembrar. O Alvaro de Castro, porém, lembrou-se e acreeveu-me a perguntar o que eu queria; ele estava então no ministerio da Guerra não me lembro em que situação. ⁽¹⁾

Respondi, é claro, agradecendo; já não sei o que teria explicado mas certamente diria que não desejava voltar para Castelo-

⁽¹⁾ A carta deve estar guardada na collecção.

Branco e preferia regressar a Coimbra, em qualquer situação.

De facto, em 20 desse mês de Maio, chegou a Lapa, á tarde, ordem telegraphica para me apresentar no regimento de Inf.^{te} n.º 23. Requeri a demora regulamentar dos 10 dias e mencionei aproveitá-la para dar uma volta por Faro e Tavira, pelo menos.

O command.^{te} Corte-Real, apesar de creatura desembarçada, teve suas duvidas acerca da concessão da demora por a ordem ser telegraphica e por consequencia implicar urgencia. Todavia telegraphou para a Divisão, em Evora, transmitindo o pedido.

Não me recordo quem era o general que commandava a Divisão, mas era ainda dos collocados durante a ditadura do Duque de Castro. Certamente o homem concluiria que a minha transferencia seria por castigo ou razões politicas e... negou a demora!

E' claro que tive de Lapa a bela baía de Lapa, as praiasinhas românticas, a Ponta da Piedade, quase á pressa — e devo confessar que com certa pena.

E' certo que desejava voltar a casa; mas aquelle sossego, a tranquillidade de vida da

quartição, a beleza do ambiente, a boa
 correção da oficialidade de que só podia di-
 zer bem, fez-me muito vez pensar se não
 seria melhor deixar-me estar ali mais al-
 gum tempo e deixar esquecer os sucessos
 que me viveram em fôco e no futuro me
 poderiam trazer complicações na vida.

Fiz despedidas apressadas e o que me
 valeu foi haver só um comboio diario pa-
 ra Lisboa e esse mesmo de noite; ainda
 fui jantar á Praia da Rocha ao melhor ho-
 tel do tempo que tinha o nome de Viola, sal-
 vo erro; e á noite fui para Partimão tomar
 o comboio para Lisboa depois de marcar lu-
 gares em compartimento-cama.

Assim acabou a minha temporada al-
 garvia de que ainda me lembro com as
 melhores recordações.

Quase 40 anos depois, voltei lá em ex-
 cursão com a família. Em Lagos já havia
 comboio e na cidade notei certas mudanças;
 mas praiasinhas que tanto me encantavam,
 a praça, e iam até á Ponta da Piedade e na pro-
 pria Ponta da Piedade, o Turismo modificou

muito os locais mais agrariveis, banali-
 seu quase tudo, com um hotel de luxo, ex-
 planadas, miradouros, etc. — na verdade
 proprio para quem quer ir ver com com-
 didade, facilidade e sem qualquer especie de
 subimentalismo, aquella costa maravilhosa,
 mas não sei se the viraria o encanto de
 Natureza sem artificios.

Refizei de Lapos sem ter recebido o La-
 gos de 1915. É possível que os olhos já fos-
 sem outros, com mais 40 annos de muitas vol-
 tas e reviravoltas.

O que é certo é que, dizem-me as mi-
 nhas notas feitas com toda a consciencia e ve-
 racidade, no dia 23 de Maio, nove dias de-
 pois da revolução me apresentei em Coim-
 bra, no regimento de Inf.^o n.^o 23, colocado no
 3.^o Batalhão e commandante da 10.^a Companhia.⁽¹⁾

Ora antes de abandonar o Algarve por
 meu vêr, sempre quero deixar uma lem-
 brança a respeito do major José Veloso Lect-
 te de quem acima falei a proposito das suas

(1) Confirmado a transferencia pelo Ordem do
 Exercito n.^o 10, 2.^a serie, de 22 do mesmo mês.

duridas quando alguém oficial lhe ia fazer qualquer pergunta:

— Vamos lá ver a cartilha...

Esta frase era, por assim dizer sacramental; mexia e remexia o regulamento e sempre a resposta era o que devia ser.

Mas se volto a lembrar a pobre creatura é porque ainda agora, passado estes quarenta e sete annos, sinto nos meus membros o ter um dia molestado.

Nem exercício qualquer pela estrada de Paribimão queria ele que eu mandasse estender a m.^a companhia em atiradores, numa altura em que a estrada atravessava uns esteiros inundados quase em frente da Meximoeira-Grande (salvo erro). Eu observei-lhe que na estrada, com poucos metros de largura, era impossível uma linha de atiradores, a não ser... teoricamente?

Palavra por palavra, o major alegou disposições da cartilha que ele, aliás, não trazia consigo; e o certo é que eu me exaltei e falei-lhe desrespeitosamente, deante de todos. Já me não lembro, nem isso importa, do que lhe disse. Ele, de cima do cavallo, tendo os hipodes fartos, pareceu-me admira-

do da minha linguagem, talvez para ele
novidade; mandou retroceder e voltámos pa-
ra o quartel.

Fiquei depois com pena dele; exaltei-me
de certo sem razão. Com tal creatura ninguem
se devia exaltar. Ele foi, porém, in-
dulgenté com magnanimidade, pois eu espe-
rara que ele se queixasse — e tinha razão.

O que fica aí escrito é para deixar a con-
fissão de que fui pouco (e injustamente) res-
peitoso e de que fiquei arrependido e com
pena do pobre homem. Ficou-me isto a
raer na consciencia.

E acabou-se.

Ah!... Esqueci-me de dizer que conhe-
ci no hotel, um dia, o poeta e dramaturgo Dr.
Coelho de Carvalho que depois voltei a ver em
Coimbra reitor da Universidade.

Foi a Lagos, dizia-se, para vender umas
propriedades que tinha no Barcelho; almoçou
e jantou no hotel; não falou a ninguém,
quase nem fazia os cumprimentos habituais
de simples educação.

Ainda estou a ver a sua figura respei-
tavel, bigodes e cabelo branco, concentrado,

sobranceiros, quase olímpicos, parecendo que
na sala de mesa (ainda de mesa redonda)
não dava pela presença de outras pessoas.

Era, na verdade, o penhor do maravi-
lhoso castelo de Arade, na barra de Portimão
— que ainda tenho nos olhos desde a mes-
mã da chegada, quando ia de Castelo-Bran-
co e deparei com o quadro que meais eu me
nos acima descrevi. O dr. Colho de Carvalho
~~descera~~ descera do castelo encantado e viera
à Terra vel...

Fraguezas dos grandes heróis.

2.ª de Paz: Mapa:

2 de Setembro de 1861 — a

— 8 de Agosto de 1862.

de J. Polakowski, para a imprensa, e a propósito de
 reafirmação de princípios, e a propósito de
 manifestar o desejo de que a nossa imprensa
 seja sempre independente, e a propósito de
 manifestar o desejo de que a nossa imprensa
 seja sempre independente.

VIII

x « Aí vai a verdade nua e crua... »
 Felinto Elísio : Obras completas, vol.
 I, pag. 21-22 da ed.^{ta} de 1817-1819.

« Estes bastidores da História são abomi-
 náveis. »

José Caldas : História de um fago meu
 to, 1.^{ta} ed.^{ta}, pag. XXI.

Chegado a Coimbra e apresentado no
 regimento de Infant.^a n.º 23, não conseguí
 fugir ás solicitações do ambiente político e
 dos amigos que me não queriam deixar iso-
 lado — tanto mais que se aproximavam as
 eleições e o Partido Unionista iria vencer.

Eu, é claro, tinha como propósito de
 me não meter na palgatada; o caso de Cas-
 telo-Branco magoou-me e os poucos meses
 passados em Lagos, quase como contempla-
 tivo, viraram-me veladas e o meu desejo
 era o sossego e o trato dos meus livros.

Contudo os amigos e correligionários cercaram-me e dentro em pouco fui alçado a candidato a deputado pelo círculo de Coimbra ao lado do dr. José Rodrigues de Oliveira que se proporia como Senador.

Eu não queria. Disse que não. Desempunharis o Partido mas não me apresentaris ao suffragio; as impressões com que fiquei das eleições de 1855 assim impunham. O que eu queria é que me deixassem.

Porém os arranjos eleitorais em que era mestre o Alberto de Moura Pinto fizeram com que houvesse alteração nos candidatos unionistas: eu passava a Senador para beneficiar das relações e amizades no círculo de Arpaül e o dr. José Rodrigues de Oliveira desceia a deputado por Coimbra pois o seu prestigio no distrito dava-lhe grandes vantagens eleitorais.

Eu continuei a recusar a honra de ser Senador até ver uma carta do dr. Brito Carmacho para o dr. José Rodrigues na qual solicitava deste toda a sua boa vontade para me convencer a aceitar a candidatura ao Senado. Perante um pedido deste ordenem que vinha rodeado de amabilidades, eu embatu-

quei e pensei que, depois do que o Barão
Lamachio fez por occorria do meu caso de
Cast. Branco, eu não teria muito direito
a recusar.

Disse então que aceitava se bem que
com a reserva mental (oh! os jesuítas!...)
de me não estancar muito pela vitória. No
entretanto dei algumas voltas e consultei
vários conhecidos do círculo de Arganil;
no círculo de Coimbra ficaram essas voltas
a cargo do Professor Eloy do Amaral, bom
amigo da Figueira da Foz que se bateu a va-
ler pela minha candidatura.

É o certo é que, a certa altura da cam-
panha, quiz-me parecer que tinha grandes
probabilidades de ganhar — pois no círculo
de Arganil havia grandes divergencias en-
tre os candidatos evolucionistas e na própria
Junta Central do partido, divergencias de que
eu beneficiaria.

Estava em as coisas neste pé e os unio-
nista de Coimbra convencidos do meu tri-
unfo pela minoria, quando na semana an-
terior ao dia da eleição recebeu-se um tele-
grama do Maura Pinto então no círculo de
Arganil a mexer e remexer todas as in-

fluencias eleitorais, solicitando reunião dos principais unionistas em um café que havia no Largo das Azevias, esquina para a Avenida Navarro, pois tinha urgencia em expôr a situação e ouvir a minha opinião.

Isto cheirou-me a trapalhada, mas lá fomos, salvo erro, o dr. Carlos da Costa Mota, o dr. Ant.º da Rocha Mauro, o Apolinário José Leal, talvez o tom Sebastião de Almeida e não me recordo se mais algum.

O Mauro Pinto appareceu, em tanto em grauto estupefido, a sair dum automovel; sentámos-nos a uma mesa; vieram uns cafés e... rebeutou a bomba!

A qual bomba era o seguinte: O Moura Pinto tinha a sua eleição bastante tremida; desinteligencias que ele não especificou complicavam o caso; e resolveu com o dr. José Afonso Baeta Neves o cambalachio de este lhe ceder a sua influencia em Goiás que iria contrabalançar as perdas em outras assembleias e em autorizar que o meu nome fosse na mesma lista com aquelle medico porque a minha votação iria ajudar muito a dele tambem em pouco periclitante no circulo.

Era verdadeiramente um cambalão -
cho nada tempo e de mais a mais com
 um cavalleiro como o Baeta Neves, anti-
 go monarquico influente e adesivo de
 fresca data. Tu, verdade verdade, não ti-
 nha razões pessoais de preixa contra o Baeta
 Neves; mas sempre o considereei como
politicão sem escrúpulos, egoista, melho-
 re e até certo ponto o que vulgarmente se
 diz « má rotha... »

É possível que seja um tanto ou quan-
 to injusto (e oxalá o seja); mas esta é a mi-
 nha impressão pessoal que os factos nunca
 desmentiram.

no Annis, a exposição, e sem querer,
 (lembro-me bem!) tive um gesto rude no
 final da arca, cortada como sempre pelos
 ditos de espirito em que o Meuro Pinto era
 fértil. Vi claramente que tinha na minha
 mão a eleição dele; mas não tive hesita-
 ções e disse-lhe logo redecamente que não
 aceitava a proposta.

Uns dias antes, o Brito Camacho em
 artigos de fundo, na Luta, a respeito das elei-
 ções, dizia que os unionistas caucemericos
 ás urnas sós, sem alianças ou cambalão

chos; que era necessario mostrar que não
tinhámos auca do poder e eramos independentes
e desinteressados.

Perguntei, pois, ao Mauro Pinto se achava
bem que o Camacho estivesse a escrever
e a aconselhar ems coisa e nós fizéssemos
outra. Ele não se alterou, apenas respon-
deu que o dr. Brito Camacho não gencelia na-
da de politica...

Eu repliquei que respeitavo a opinião
do chefe do partido (opinião com que, aliás, de
boa mente concordava) e que, além disso, re-
zelia, por questões de principios, a campanha
que me queriam dar.

Enfim, a conversação azedou-se em bo-
do; o Mauro Pinto ficou claramente contra-
riado e quero crer que só por ver que eu ti-
nha razão é que não teria disparatado.

Os presentes á discussão calavam-se,
apenas o medico Rocha Mauzo, politico velho
e da velha escola, quiz opôr certos arguementos
favoraveis á proposta do Mauro Pinto. Mas eu
mandei-me-me recusar e a certa altura, o
Mauro Pinto cortou a discussão puxando do
relogio e dizendo que tinha de ir ainda não
que lembro se a Taboa se a Oliveira do S. José.

tal; despediu-se com poucos termos comente, meteu-se no automóvel e desapareceu.

Isso seria, salvo erro, a uma 5.^a feira. Os companheiros da reunião ficaram a olhar uns para os outros; não sei se todos concordariam com a minha decisão porque os vi calados; eu ainda disse qualquer coisa para ver se os animava a falar mas só percebi que talvez o dr. Carlos da Costa Mota, espírito mais íntegro e mais ligado aos princípios, tivesse concordado comigo. Despedi-me e regressar a casa.

O Moura Pinto não mais deu sinal de si nem em Coimbra se souber que volta dava. No dia da eleição, no domingo seguinte, á tarde, meu pai chamou-me ao telefone; como de regra, estava de prevenção no meu gabinete dos Correios e chamou-me para me dizer que os telegramas chegados do círculo de Arganil davam a minha lista com 3, 4 ou 6 votos em cada assembleia eleitoral; do lado da Figueira tinha mais alguns mas muito poucos.

É claro que a eleição estava perdida e eu vi logo nisso manobra do Moura Pinto. Não houve duvidas. No dia seguinte alguns dos meus simpatizantes ou amigos do círculo

de chaparril perpetuavam - me, por carta, porque é que eu desistira da eleição; e Elói do Amaral, da Figueira da Foz, mostrou-se indignado com a m.^a desistência depois de tanto trabalho na propagação.

Em conclusão e para encurtar razões: o Moura Pinto, ao chegar de Coimbra, percorreu o círculo e disse a todos que eu desistira da eleição em seu benefício; e com o dr. Paeta Neves arranjaram as coisas de modo que ambos ganharam...

Escrevi aos amigos e simpatizantes a agradecer e a afirmar que não tinha desistido, que alguém abusara do meu nome, etc. etc. E escrevi ainda ao dr. Brito Camacho também a agradecer a boa vontade dele mas q. a politica tinha interesses que meu sempre se coadunavam com os bons principios. Não cheguei a saber se ele commentou a carta mas eu fiquei satisfeito com o que fiz.

Mais outra eleição perdida.

Passáram-se uns tres meses sem que soubesse qualquer coisa do Moura Pinto até que, em meados de Setembro, durante a Escola de Repetição, na marcha que se fez desde

Gaio para Arpanil, em certo ponto da estrada em que havia um pequeno soute de castanheiros, mas alturas em que se começa a descer para esta ultima vila, se viu me lembrando no alto ou Portela de S. José, estava um grupo de individuos á sombra junto de um automovel. Eram pessoas de Arpanil que vinham ver a tropa desfilando; e desse grupo destacou-se o Maura Pinto, com ares um pouco contrafeito e disse-me que tinha que me falar quando chegasse á vila. Eu fiz um cumprimento rapido, com modos de quem se aborrecem com a intrusão.

— Para cá meus tu vem! disse eu para comigo e continuei á frente da minha companhia.

Em Arpanil, ao estabelecer o tinague na Mata da Misericordia, appareceu-me o bom do Alfredo Costa, negociante na vila, que vinha oferecer os seus serviços, a sua casa, a sua mesa com toda a sinceridade. Era um excelente rapaz, muito dedicado ao Maura Pinto. Segundo o meu costume não aceitei nem casa nem mesa, mas pedi apenas que me arranjasse agua quente

com pal para os pés que trazia um pauco
mopado e prometi não me demorar.

Assim fiz. Arranjado o bivaque, dei-
xei um subalterno a substituir-me e fui
a casa do Alfredo Costa; levou-me a um
quarto bem mobilado com cama já feita pa-
ra mim; a esposa, amavelm.^{te}, veio com
a agua quente numa audiz de cobre;
meti-me os pés logo a seguir e gozava con-
tado o banho simples e contemplava o ar-
ranjo do quarto que me estava destinado
quando entrou pela porta dentro, sem cere-
monias, o Moura Pinto com mais uns ca-
malheiros arpaniteuses dos quais so me lem-
bro um, o Frederico de Freitas Gouveas
Simões, escrivão de direito e alferes milicia
no já me conhecido ha algum tempo.

Recubi-os sentado numa cadeira, com
os pés deitados de agua; ao Moura Pinto fa-
lei friamente mas ele não se desconcertou e
passados os cumprimentos e as frases ba-
nais do momento, disse-me que me queria
explicar o caso da eleição pois tinha por mim
muita consideração, estima, etc.

Eu então, com certo assombro dos circums-
tâncias, interrompi o exordio com estas pa-

laçadas que quase posso afirmar estarem certas, tão pouco me lembro do episódio:

— Olhe, dr. Moura Pinto: pode dizer o q' quizer que me não enfada; mas o que lhe afirmo é que não acredito em nada do que me quer expôr...

E fiz um gesto de certo desprezo.

Ele apenas respondeu, lembrando-me muito pouco:

— Assim... de parti pris... é escusado tentar.

— É realmente escusado, confirmei.

Seguiu-se, como era natural, silêncio contrafeito. Limpei os pés, calcei-me, despedi-me de todos, agradei muito ao tom de Alfredo Costa e fui para o bivaque.

Soube depois, por este tom Alfredo Costa que o Moura Pinto ficara acabrunhado.

A cêna realmente foi breve mas de certa dureza para o carácter maleável e até certo ponto frívolo do Moura Pinto — de mais e mais passada deante de influentes e amigos seus que notariam alguma queda no seu prestígio de chefe político.

Mas que lhe havia eu de dizer?... Foi melhor assim.

Enfim, segunda eleição perdida que na
verdade me não preocupou. Não tinha interesse
em ser Senador e fiquei com mais esta
experiência política que me serviria no futuro
embora com pouco êxito.

Não fiz diário como fiz em 1911; o que fi-
cou aqui escrito, é simplesmente resumo que
a memória e algumas breves notas que guar-
dei conseguiram dar. ⁽¹⁾

2.ª da Paz: Mapa:

9 a 10 de Agosto de 1962.

Em 1913 a Imprensa da Universidade
publicou o livro "Mapa da Paz" de
M. J. de Almeida. Este livro contém
algumas informações interessantes sobre
a situação política da época.

(1) Na colecção de recortes e na pasta dos docum.^{to}
há várias espécies referentes á eleição. Por isso é

...ce sont des détails très importants et qu'il est bon de conserver à la postérité...

IX

...ce sont des détails très importants et qu'il est bon de conserver à la postérité...

Theophile Gautier: Mademoiselle de Maupin, cap. XII.

O Partido Unionista em Coimbra, como o Direito Romano na frase atribuída a certo professor universitário, começou por não existir...

Meia dúzia de carotas meus ou meus simpaticantes com o grupo político do Dr. Brito Carnacho, constituiram, sem formulas de qualquer especie, o núcleo de que viria a sair o Partido.

Reduzida meia dúzia, mas felizmente boa. O núcleo principal dessa meia dúzia era, sem duvida, o medico José Rodrigues de Oliveira, figura de prestigio na cidade pelo seu valer profissional, pela seriedade da

sua vida e campostura politica. Poucos mais eramos: o medico Carlos da Costa Mo-
ta, da familia dos esculptores do mesmo nome,
rapaz apremado, sincero republicano e
profissional ja com nome; outro medico Ju-
dice Formosinho, algarvio que fora para
Coimbra como medico escolar e ali creara
simpatias como homem e caso clinico; o co-
merciante José Sebastião de Almeida, ho-
mem sério e sem pretensões; o ainda es-
tudante de Ciências mas já explicador do en-
sino liceal Apolinário José Leal, algarvio q.
as circunstancias levaram p. Coimbra — e
ainda mais um medico Antonio da Rocha
Mauzo, unico de nós todos que trazia ainda
agarrados alguns vicios da politica meo-
narquica, dos tempos em que foi influente
politico em Santarém, mas que não destes
trava o conjunto porque sabia manter-se
nos devidos termos.

Em 1913 a Imprensa deu os primeiros
rebates da formação dum Centro Unionis-
ta⁽¹⁾; é claro que se foram juntando outros
indivíduos, uns sinceramente, alguns

⁽¹⁾ Ver coleção dos recortes, fl. de 1913.

por cálculo aliás errado pois o Unio-nis-
mo não dispunha da cornucópia das gra-
ças e o núcleo central do partido
era perfeitamente alérgico às tentativas de
favores ou interferências para benefícios.

O certo é que se formou o Centro Unio-
nista primeiro num acanhado prim.^o andar
no Largo da Portagem (nesse tempo de Mi-
guel Bombarda); depois na rua do Quelha
Costas em amplo 1.^o andar em que havia pa-
tão próprio para reuniões e que hoje é gran-
de armazém de móveis.

Eu creio que pouco entendi nestes arran-
jos e digo creio porque me não lembrava bem
dos trâmites seguidos para se chegar á fe-
liza inauguração das instalações na rua de
Quelha-Costas no dia 25 de Junho de 1916,
inauguração que deu certo êxito em Coim-
bra e foi, na verdade, uma festança políti-
ca de certo relevo.

Foram, de Lisboa, alguns magnates co-
mo o José Barbosa que era o secretário do
Directorio, o Jorge Nunes, o Alvim Tyles,
o Maura Pinto e outros que discursaram
e comeram e beberam durante um «copo
de agua» que lhes oferecemos na mesma

séde do Centro, com bom serviço de qual-
quer restaurante da cidade. ⁽¹⁾

Do Porto e Gaia foram alguns unio-
nistas mais importantes como o dr. José Maria
de Oliveira, o coronel de Artell. Belchior de
Figueiredo, Alexandre de Barros e outros.

A Lista deu noticia circunstanciada da
festa, com resumo dos discursos e com
a allocução, na integra, com que o dr. José Ro-
drigues de Oliv. ^{2a} abriu a sessão inaugural. ⁽²⁾
Foi, de facto, uma sessão interessante que dei-
xeu em todos a melhor impressão e até nos
adversarios que assistiram — pois não se
fechou a porta a estranhos ao Partido.

Mas... o Partido Unionista em Coim. ^b
não tinha valor eleitoral. Era este o seu grau
de calcunhar.

Constituido por gente boa, gente que se
impunha ao respeito dos proprios democra-
ticos, ⁽³⁾ o Partido não prosperava porque era
a negação do favoritismo, de tricas e con-
luio politico. Creio até, se a memoria

(1) Ver fl. de recortes de 1916.

(2) Conservei o recorte do n.º da Lista em que
vem a noticia; ver fl. de 1916

(3) Ver fl. de recortes de 1913.

me não falta, que não concorreu ao Congresso do Partido em Agosto seguinte, em Lisboa, congresso que deu certo brado pelo conjunto de elementos de alto valor intelectual e moral que ali se reuniram.

Dava-se até o caso interessante (mas honroso para nós) de o Moura Pinto que se arvorára em mentor político unionista do Distrito, não ter qualquer influencia em Coimbra. O Moura Pinto queixava-se até de que a cidade lhe escapava devido a mim; que eu lhe cortava sempre as vazas, que lhe não deixava pôr pé em ramo verde, armado em defesa dos Princípios que para ele eram perfeitamente bapteladas.

Havia verdade, alguma verdade nestas queixas. Não quero aqui vanplorian-me nem deixar este testemunho para a posteridade me enaltecer; mas o Partido, em Coimbra, tinha como chefe visível e oficial, o dr. José Rodrigues de Oliveira que todos respeitavam e acatavam; mas quem mais chefiava e impunha directrizes era eu, em regra através do bom dr. José Rodrigues que me avisava sempre que o procurava e que se me dirigia quando tinha qualquer resolução de mais val

to e não queria ou receava resolver só por si. Combino a dizer: isto não é naufragio, isto é a verdade talvez hoje difícil de confirmar testemunhalmente porque peço, quero crer, o unico sobrevivente desse grupo de, afinal, bons politicos.

O chefe visivel era o dr. José Rodrigues; o invisivel era eu que estou aqui a escrever, já velho, em dia quente de Setembro, nesta quintarola da Paz onde perante tantas recordações boas doutros tempos, em que não havia Patrão a pensar por nós todos Portuguezes, e perante a pequenidade do consciencia de quem, com quase 83 annos, nunca procedeu na vida com vilania — não afetei e menti e falsear pela necessidade estas paginas que não escritas como « clara certidão de verdade » nos termos em que Fernando Lopes ensinou ha alguns seculos.

Mas a verdade tambem é que o tempo passou e particularidades dessa quadra de certa actividade politica e social varreram-se-me da memoria; já me seria difficil

(1) Isto foi escrito, na Paz, no dia 5 de Setembro de 1962.

reconstituir episódios que poderiam ter in-
teresse e ajudariam a descrever o período;
meu sempre tomava notas que serviam apo-
na bases boas e seria necessário rever co-
lecções de jornais para arquivamento da me-
moria.

Mas não tenho ocasião nem tempo pa-
ra esse trabalho e o que me preocupa ago-
ra é andar depressa enquanto os olhos dei-
xam ver e o pulso deixa escrever com le-
tra mais ou menos firme.

Os sucessos terão que ser contados com
certa brevidade a não ser que passe por al-
guns de que deixei apontamentos subsidiá-
rios ou de que a memória, ainda não falta
de todo, possa ditar certo.

É deste ano em diante os sucessos fo-
ram graves até a eclosão do sempre celebra-
do 28 de Maio; malguns me vi envolvido
e hoje lastimo não os ter deixado anotados
com suficiente largueza para que fique
um ou outro subsidiário histórico razoável.

Como escreveu o prof.^{as} Luis Stalphen⁽¹⁾

(1) Introdução á História, tradução portugue-
sa, Coimbra, 1961, pag. 15.

muito recandamente, « todos nós, mais ou menos, fazemos história como Maurício Jourdain fazia grossa... »

Vamos a ver, pois, o que posso contar sem faltar á verdade. Isto de, aos 83 annos querer contar successos de ha mais 45 annos pouco mais ou menos, é sempre tarefa arriscada quando a intenção é contar com a possível exactidão. Terei até, talvez, que deixar em branco um ou outro episódio de menor valor não só para não alongar muito estas « memórias » que não já além do que eu queria, como tambem para não estar a perder tempo com possíveis tapalélas.

E vamos lá a isto com paciência e eu quanto, como acima disse, o meu estado físico autorizar esta extravagancia de escrever honorario...

E digo honorario porque creio que nunca o fui efectivo. Pelo menos nunca assim me consideráram.

Ora pois.

O Partido Unionista em Coimbra com o qual dei começo a este capítulo, lá foi vi-

usando sem nada de notável a recomen-
dar notícia a mão por um episódio curioso
que se deu quando começou o período rido
mista — episódio que não esqueceré de
contar mais adiante.

Eu acompanhiei sempre com dedica-
ção os trabalhos que, aliás, não foram mui-
tos; uma das suas ideias mais caras era a de con-
trabalhar ou desfazer manobras políticas
do Maura Pinto que se queixava de os unio-
nistas de Coimbra não saberem de política.

De facto, os unionistas coimbricenses,
eram poucos e nada conhecedores de trapa-
ças de campanha; de forma que o Mau-
ra Pinto que nesse assunto era mestre de
capelo e torla-via-se ás vezes em galgos
de aranha para conseguir os seus fins e
acusando em regra a minha opposição que
ele bem sabia efectiva se bem que (deve di-
zer-se em sua honra) não a levava a mal.

Dizia-me o tom Alfredo Costa (o ami-
go que me recebia as confidencias) que apre-
sar da minha opposição, aliás sempre correc-
ta, o Maura Pinto tinha certo fraco por mim.

Ele era dotado de intelligencia m.^{to} viva
e de espirito compreensivo; e daí talvez

viésse a complacência com que sempre suportou as minhas investidas.

Não me lembro se já contei aqui a maneira como eu, pela primeira vez, cheguei á fala com ele. Quero crer que não e vou contar-la rapidamente.

Quando, por 1913, se pensou em organizar em Coimbra o Partido Unionista, como referi, um dia fui procurado em casa pelo medico Ant.º da Rocha Mauro que me disse que o Maura Pinto estava na Baixa com o dr. Costa Mota e me queria conhecer.

A minha primeira reacção foi de recusa e respondi:

— Se ele tem interesse em me conhecer que venha a minha casa.

O Rocha Mauro, que me conhecia bem, não se agastou; deixou passar o repente e, com paciência e alguma melancolia, começou-me a sair de casa e ir conhecer o homem que já então começára a ter nome e realimento no alto-distrito.

Ora o Maura Pinto, nos últimos tempos da Monarquia, militara no Partido Progressista e fôra Administrador do Concelho em Arganil, durante um governo de influen-

cia desse Partido. Apesar de tal, o Moura Pinto meteu-se na campanha republicana e alguns correleptorianos de Coimbra me citaram o nome dele como elemento de ligação com os republicanos do alto-distrito e, se bem me lembro, me contou-me que sabia das boas relações políticas e revolucionarias com o João Chagas.

Isto não me caía bem. Ser administrador do Concelho e ir receber indicações do João Chagas... não me parecia procedimento dos meus próprios. De modo que, quando o Rocha Mauro me convidou para me ir encontrar com o Moura Pinto, eu fiz-me a natural reacção que referi; mas o Rocha Mauro teve artes de me levar e lá fui, um tanto ou quanto contrariado, até á Baixa, á Calçada, onde encontramos o Costa Mota e o homem encostado á porta dum estabelecim.^{to} (surinêsaria, salvo erro) hoje a Agência do Banco Ultramarino.

O Moura Pinto, real nos aproximámos, dirigiu-se a mim, cerimonia^lmente, com certa reverencia, e logo me disse que me conhecia ha muito de nome, que me desejava conhecer pessoalmente e outras ama

bilidades que termináramos por esta frase infeliz, dita com ar de máguia:

— ... porque, afinal, nós eramos tão poucos...

Eu ia mal disposto; a frase que ele lançou com intenções de certo lisonjeiras, pôs-me mal. Aquelle nós eramos queria dizer que ele, Maurad Pinto, era dos republicanos históricos. Subiu-me qualquer coisa á cabeça que me não deixei conter:

— Perdão, sr. dr. Maurad Pinto: eu não era progressista...

É claro que isto, do meu lado, foi inconveniência manifesta; porque eu era de bom estofa, não se desconcertou e salvou a situação com qualquer amabilidade como se não tivesse ouvido o que eu dissera. E a conversa pegou, com certa vivência cordial; o Costa Mota e o Rocha Mauro procuráram desanunciar a atmosfera que eu carreguei malcreadamente — e eu próprio consegui fazer esquecer o caso, tanto mais facilmente quanto era certo o Maurad Pinto ser um excelente conversador.

Bons tempos! Hoje seria capaz de arrematar frase equivalente a qualquer cida.

vão que me apparecesse, como o Moura Pinto, a alegar primazias?

As minhas relações com o Moura Pinto foram sempre amistosas mas sujeitas a estes contratempos terríveis que ele deixava resvalar pela sua insensibilidade. Últimamente, doente, doente e quase abandonado, lastimei-o; escrevi-lhe umas cartas amáveis para a Quinta dos Vales⁽¹⁾ onde se refugiára, cartas que ele recebeu com gosto e a que respondeu com sinceridade.

A aproximação da morte e o abandono e dificuldades de vida em que se encontrou, fizeram-no ser sincero.

Mas voltando ao Partido Unionista em Coimbra... Com altos e baixos foi vivendo com numero reduzido, mas bom, de correligionarios.

Com a subida do Sidonio Pais ao poder, em fins de 1917, e com a fama de que o dr. Brito Camacho protegia a situação para a qual dora tres ministros (um dos quais o Moura Pinto) logo appareceram creaturas a

(1) Património de familia, perto de Vila-Cova de Sub-Arvo, concelho de Arpanil.

filiarem-se com a mira evidente no interesse. Foi quase, não direi uma avalanche de aderentes, mas uma grande calçada deles que iam afirmar a sua concordância com os princípios de ordem, de moralidade, de tolerância, etc.

Lérias...

Os velhos unionistas reuniam-se em tanto ou quanto aturdidos e desgostosos no meio daquela inundação; não havia sinceridade de qualquer espécie naquele afan de adesões; e a verdade é que, passado o período revolucionário e com a Galburdia das Juntas Militares e da Monarquia do Norte em 1919, o Partido Unionista em Coimbra ficou reduzido ao que era antes da revolução salvedora. Tinha de ser assim e antes assim.

Ficámos livres de toda aquela alicia de interesses que zumbia desagradavelmente á nossa volta. E como tal se viveu até fins de 1919 quando, a seguir á eleição do Dr. Antonio José de Almeida para a Presidência da Republica se resolveu a dissolução do Partido Evolucionista para com aquelle se constituir o Partido Liberal Republicano dirigido por um directario.

Houve reuniões em que o caso se discutiu e em que foi aprovado a nossa dissolução e integração no novo agrupamento político. Eu aprovei tudo e declarei muito naturalmente que ficaria de fora, que não ingressaria no novo Partido e recusava a m.^a independência — no que fui seguido por muito poucos.

Para mim foi um alívio e nunca mais me vi envolvido em matéria política. Não simpatizava com os evolucionistas locais q. aliás me fizeram tapalés para ingressar nas suas fileiras; pareceu-me melhor não tentar nova experiencia. A anterior foi suficiente para me incomodar se bem que serviu bastante para conhecer homens e certas situações.

Não sei já o resultado que deu em Coimbra a fusão dos dois grupos em que o grupo unionista foi absorvido pelo outro como era de esperar; creio que me não preoccupei com isso e se por acaso eu não notei alguma coisa se apagou, e felizmente, da memória.

Devo confessar, todavia, que a experiencia de inspirador do Partido Unionista em Coimbra por vezes me deu satisfação.

Achava interessante ver como não era muito difícil, em certas emergências, convencer homens; e como em certos episódios conseguia impor os bons princípios sem ferir ninguém e até percebendo q. os meus intuitos eram compreendidos e menos mal aceites.

Mas mesmo assim, terminada a minha acção, achei que foi um grande alívio e que não valeria a pena meter-me noutra experiência.

Continuo a insistir: não conto isto por vaidade; assim mesmo é que tudo se passou. A minha intervenção foi na realidade grande na vida do Partido; e muito ainda hoje, passadas muitas décadas, a consolação de me lembrar que me acataram sempre e muitos dos camaradegãos se mostraram meus amigos.

Ora deixemos o Partido Unionista entre que ao juizo da História e continuemos com a m.^a triste vida...

Estamos em 1916 e eu era ajudante do regimento de Infantaria n.º 23 desde Setembro de 1915, proposto em Agosto pelo então coman-

laute, o coronel José da Silva Bandeira! Estava, se me não enganar, em Arpanil, a decer a Escola de Repetição quando a Ordem do Exército chego⁽¹⁾; deixei, por isso, o comando da Campânia e assumi em 22 o cargo que era até então exercido pelo capitão António Pereira de Saude promovido, na mesma ordem, a major.

Vivia-se, nessa altura, na perspectiva da guerra e com mais risos de verdade do que no ano anterior quando se preparava a Divisão Auxiliar que ficou apenas em projecto. Agora, o caso era diferente: em Fevereiro foram apreendidos os barcos alemães que se refugiaram no Tejo, o que provocou, em 9 de Março, a declaração de guerra por parte da Alemanha.

Como é natural, isto causou no País uma grande commoção e no exercito começaram murmurações principalmente depois dos exercicios de Barcos arpanizados com muita deusa, pelo ministro Norton de Matos que era, por assim dizer, quem mandava no Governo.

(1) O. E. n.º 18, 2.ª serie, de 18 de Setembro.

Vivia-se num ambiente excitado; os democráticos berravam pela nossa participação imediata na guerra dum maneira, quero ainda crer, pouco politica; e as divergências partidarias continuavam embora o governo se intitulasse da «União Sagrada.»

No exercito começou a conspirar-se e em Dezembro, nas guarnições de Tomar, Alentejo, Castelo Branco e Figueira da Foz, rebentou no dia 13 a primeira sublevação a sério. O nome de Machado Santos era o centro de convergencia dos revolucionarios; como não era mto. inteligente e ao mesmo tempo cheio de vaidade pela sua acção em Outubro de 1910 (que na verd. parece ter sido decisiva), foi facil convence-lo de que seria de novo salvador da situação e como tal foi para Tomar onde chefio o levantamento que talvez sem ele se não realizasse.

Creio dizer a verd. escrevendo que em Coimbra não se sabia, ou muito pouco se suspeitava, do que se preparava. Tenho a lembrança de que a sublevação foi surpresa se não p. todos, pelo menos para grande maioria dos officiais da guarnição. Pareu a revolta falthou e os officiais da Figueira da Foz

foram presos para Coimbra e de chegarem á noite não me lembro se no mesmo dia 13 e alojados no edificio da Penitenciaria, e de estavam as secretarias e a residencia do director, e de á pressa se arranjaram camaratas nas salas do rez-do-chão, do lado esquerdo de quem entra.

No quartel de Inf.^a 23, fronteiro á Penitenciaria, estávamos, e' claro, de prevenção e vimos chegar a leva dos presos.

Fez-me impressões aquelle espectáculo de reuicidos, quase todos á paisana, carregando cada um com suas malaetas, com ar de cansaço, a saírem dos automóveis e a dirigirem-se para a Penitenciaria acompanhados por outros officiaes segundo as regras.

Na sala do quartel para onde se deitava a secretaria, o conselho e o comando, eu e alguns officiaes comentámos o caso e resolvemos, sem discrepancia de opiniões, ir visitar os reuicidos e oferecer-lhes os nossos serviços.

Lembro-me de que no grupo estavam o Luis de Castro e Almeida, o Joaquim Mendes não sei se ainda tenente, os alferes Alexandre de Moraes e Vitorino Peres Fur

Tudo Galvão saído recentemente da Escola do Exército; havia ainda outros de quem já me não lembrava.

Saímos, atravessámos a rua e fomos ás camaratas improvisadas e cumprimentar os presos; a recepção não foi muito amigável, possivelmente como acusação por nós nos não termos revoltado também; mas em fim atenderam - nos o melhor possível e perante o conhecimento de que eles ainda não tinham corrido desde a manhã, nós resolvemos cotizarmos - nos e mandar vir jantar para todos, encomendado com urgência num restaurante da Alta - como de facto se fez.

E regressámos ao quartel mais ou menos satisfeitos.

Ora o commandante do regimento José da Silva Bandeira andou todo o dia numa roda viva, furioso contra os revoltados, e pôz dificuldades no fornecimento de objectos necessários ao alojamento dos presos, com afirmações de puro facciosismo politico, com ameaças, etc.

Quando soube que um grupo dos seus officiais fôra cumprimentar os traidores, foi

o bom e o bonito! Quase todos nós, os do 23, por acaso estávamos reunidos na sala já citada a que chamávamos « dos passos perdidos »; entrou ele estafarido e increpou-nos em termos violentos.

Ainda estava a ver os oficiais, instinctivamente formaram um semi-círculo, calados, a ouvir os improperios do comandante. Estava presente o major Antonio Esquivel David que cafiava as barbas brancas, a olhar assustado, medroso como era, a fúria do coronel.

Devo dizer que o Baudreira era, fundamentalmente, boa pessoa; a sua vida particular provava as boas qualidades pessoais; era capaz de se interessar por alguém que dele necessitasse. Contudo, naquela quadra em que a política dominava, o Baudreira perdia a tramontana quando lhe tocavam no seu Partido Democrático ou nos seus chefes.

A ida de um grupo dos seus oficiais cumprimmentar os revoltosos que, de mais a mais (dizia-se) não queriam ir para a guerra, era para ele um acto de insubordinação e, até certo ponto, de clara adesão á revolta. Perdeu a cabeça e ameaçou-nos.

Eu vi em todos o mal-estar produzido por tão insolito procedimento; ninguém falava mas parecia-se, além do mal-estar, certa indignação. Não me contive e como eu fôra um dos principais autores da diligencia a respeito junto dos presos, fiz a minha continencia e pedi licença para falar.

Estou ainda a ver a cena... As palavras é que não sou capaz de reproduzir com fidelidade, já tô não 46 anos; mas lembro-me de que, um pouco nervosamente, disse que não se tratava de simpatia ou adesão à revolta mas simplesmente de um acto de mera cortezia para com camaradas vencidos que poderiam necessitar de qualquer auxilio material; e frizei que bastava ser eu um dos que se lembrariam do acto praticado para afastar a ideia de qualquer solidariedade politica.

As minhas palavras que deveriam acalmar a furia do coronel, lembro-me bem (e com admiração) iam sendo apoiadas por quase todos; o commandante cada vez se exaltava mais e rompeu em objurgatorias violentas de tal modo que, no grande

grupo que se formára se falava alto, cada qual reprovava a seu modo a atitude do comandante, com gestos de desagrado e de protesto. Era quase uma insubordinação que se estocava.

Eu disse que me admirei do apoio às minhas falavras porque, na verdade, quando comecei a falar, no meu pub-
lico pensei que iria ter novo caso de Castelo Branco embora de arípeu diferente e me eu contraria só exposto às revindictas; mas o comportamento do coronel foi tão estranho que os oficiais presentes possivelmente animados pela minha intervenção, começaram a dar tapas á sua própria vontade e, a pouco e pouco, como a bola de neve, essa própria vontade foi aumentando até ao ponto de o Bandeira succumbir.

Perante o crescente tumulto, o coronel de repente, catou-se; olhou-nos com arrogancia e disse com ar ameaçador:

— Estou a ver que me não querem cá; pois vou-me embora.

Entrou no gabinete, esteve um bocado fechado e saiu depois armado e disse ao major Esquivel David que era então o

oficial superior mais ambiguo e, se me
nãos eu não, o 2.º comandante:

— Vou ao Quartel-General...

E saiu furioso. Ninguém o acompa-
nhou à esquadra. O proprio major Espinosa
ficou atarantado — o que, aliás, não era de
estranhar. E todos nós ficamos a olhar uns
para os outros...

E quando se começou a falar, concor-
damos todos em que o coronel se iria quei-
xar (como foi) ao General.

Comandante então a Divisão o Tamagnini
de Alencar que era creatura ponderada e
conhecia sufficientemente o Bandeira; di-
zia-se até que na organização do Corpo Ex-
pedicionario Paraguês se poz de lado a su-
meração dos regimentos que constituiriam
a Brigada que teria de marchar para Trau-
ca (Infantaria 23, 24 e 28) para passar o
comando para Inf.º 24 onde estava o coronel
Pérez,⁽¹⁾ official distinto, sabedor e com cabeça,
quando, no plano, esse comando deveria ca-
ter a Inf.º 23. Quer o General Tamagnini
quer o proprio ministro Norton de Matos,

⁽¹⁾ José Pérez, depois promovido a General.

não queriam, regendo corria de boca em boca, o coronel Bandeira em tal cargo.

E tinham razão.

O que se passou no Quartel - General não se soube; eus três quartos de hora depois o major Esquivel David, chamado ao Telefone, recebeu ordem de assumir o comando da unidade e todos nós passámos a noite em claro á espera do que desse e viesse.

Final... o episodio ficou quase por aqui. O Bandeira foi colocado em qualquer situação que já me não lembra e não voltou ao regimento e para este meio, pouco tempo depois, o coronel Hermenegildo Augusto dos Santos Pestana em quem caiu a tarefa da mobilização do 1.º Batalhão para França, ainda de tres companhias de reforço para Moçambique e Angola e em que ele trabalhou abnegadamente, e com a maior paciência sem se poupar a qualquer esforço.

E o caso do Bandeira passaria á história se ele não desse, no fim do ano, ordem ao Esquivel, ainda comand.º interior, para lhe mandar os impressos das informações anuais para ele preencher.

Eu observei ao major que me parecia irreputar o desejo do cor.^{al} Baudreira; deixá-ra de ser comandante em 13 de Dezembro e as informações seriam assinadas em Janeiro seguinte. O Esquiuel, medroso como era, não entendeu assim e mandou a projectada toda.

E o cor.^{al} Baudreira viu-se de suas informações daqueles oficiais que mais se recusaram na manifestação de desagrado. A minha informação, que vou aqui deixar transcrita, prova certa inferioridade; o facciosismo político e a ferida aberta no seu orgulho de comandante que se julgava estimado e respeitado, levaram-no a baixaria de envenenar o juízo ampliativo como envenenou.

Baixaria?... Não sei se será justo classificar de baixaria; mas espírito inferior de vingança foi de certo.

Aos meus quesitos reputamentares respondeu bem; o juízo ampliativo é que trazia o veneno — que afinal (assim como a nota de anarquista dada pelo cor.^{al} Duarte Traves) me acompanhou sempre, quero crer, até à forca do generalato.

Lei-lo:

« É inteligente, ilustrado, bom chefe de
 " família e tem m.^{to} boas qualidades humanas.
 " Como ajudante do regimento desempenha
 " as suas funções com m.^{to} critério e método,
 " mantendo os seus subordinados numa dis-
 " ciplina firme e benevolente. É muito estudio-
 " so e versado em assuntos históricos ao mes-
 " mo tempo que se põe a par da moderna cien-
 " cia da Guerra. Com todos estes bons requi-
 " sitos será para lastimar que o seu pectaris-
 " mo político ou um mal compreendido es-
 " pírito de camaradagem o possa impelir al-
 " gum dia a faltar aos deveres de disciplina
 " e á confiança inerente aos deveres do seu
 " cargo. Estou porém certo que saberá reprimir
 " esses impulsos, se um dia os tiver, e tem
 " merecer sempre da Pátria e da República
 " de que é fervoroso apóstolo. Julgo-o digno
 " de promoção. — (a) José da Silva Bandeira,
 " coronel. »

« A primeira vista parece um louvãr;
 mas repare-se na venenosa insinuação a
 respeito do meu pectarismo político (!!!...) —
 ser capaz de me levar a faltar aos deve-
 res e á confiança, etc. etc.

Enfim, arrinei e deixei correr; não sei se fiz bem se fiz mal. Houve quem me aconselhasse a reclamar; o Augusto Carimão que, ao tempo, estava em Coimbra, contou o caso ao Norton de Matos e este respondeu que reclamasse que ele lá estava para atender com boa vontade.

A verd.^{de} parece é que a reclamação, nestes casos, não ia para o ministro mas sim para o Conselho Superior de Promoções e eu já tinha a experiencia de 1910 que me deu algumas dores de cabeça — fora os transtornos que me causou.

Deixei correr. O destino tinha que se cumprir... A minha vida tinha que ser o que foi, infelizmente.

É claro que eu e o Bandeira ficámos com relações bastante frias; nunca deixei de o cumprimentar mas depois, com o Sidonismo e a Monarquia do Norte, tivemos de nos encontrar uma vez por outra e as relações voltaram-se não ás antigas que eram bastante amistosas, pelo menos a eu aparentemente com subterfúgio.

Com o tempo, envelheceu, enrijeceu e adoeceu gravemente; fui visitá-lo pouco

tempo antes de morrer, comas duas vêses a Coselhas ainda fãra viver com uma antiga criada de quem teve dois filhos e com a qual veio a casar.

Morreu num dia de Julho, salvo erro, em que houve forte trovada e inundações.

Passado este episodio da revolta, tratou-se no regimento da mobilizaçãõ para França. Foi um trabalho duro a que o Cor.º Des. Tava se não escurava; nos fins de Janeiro de 1917 partiu o grum.º incumbente para o Corpo Expedicionario e outras levas se seguiram, um pouco a trouxe-mouxe devido ás más vontades, a toda a especie de resistencias e, por vêses, a actos de rebeldia que o Norton de Matos ia esmagando.

Foi um máu periodo, esse, em que parte do exercito com o pretextõ de que queria saber as razões da mobilizaçãõ, se recusava á partida ou dificultava a organizaçãõ dos contingentes. E, por outro lado, os democraticos excitavam o mal-estar com acusações de traiçãõ em vez de procurarem apaziguar os animos com moderada politica. Passaram-se maus bocados e os odios

políticos exarcebaram - se ainda mais de
 pois da queda do ministerio da União Sa-
grada e de subida ao poder, em fins do mês
 de Abril, dum ministerio completamente
democratico presidido pelo dr. Afonso Costa.

De França vinham más noticias; cá de
 vto continuava o mal-estar; e percebia-se
 que no sub-polo havia forte fermentação.

Assim chegam o verão de 1917 com as
 mobilizações realizadas; couseguei, mes-
 mo assim, uns tempos de descanso no quí-
 tarols da Paz em Outubro. Nos começos de
 Novembro regresssei a Coimbra, voltei á ta-
 refa de ajudante do regimento e as coisas
 iam correndo com a normal regularidade
 quando appareceu em cena o Sidonio Pais.

Foi mudança completa de cenário e por
 isso mesmo merece capitulo á parte...

L.^{ta} da Paz e Lx.^a

Aos 20 de Agosto, 5 de Setembro

e 16/19 de Outubro de 1962.

P

Tempo antes de morrer, chegou duas vezes
a Goshing, onde fez umas fotografias
de criação de grãos, seus dois filhos e esposa
e filhas. A esposa e filhos estavam com
ele no momento da morte, e ele estava
muito feliz. X

« São achagres da velhice
Vinêmos de lembrança
E em laços falsos fazemos
De tudo comemoração. »

Ant. Gonçalves Dias: Sextilhas de
Br. Antão, Pag. 29.

Em certa noite de Novembro de 1917, ao
verem a porta da minha casa de Coimbra.
Eu estava só porque a família ficara ainda
na Paz. Ali e apareceu - me um indivíduo
com ar distinto que me entregou um bilhe-
te de apresentação escrito pelo Dr. Brito Cam-
acho com poucas palavras mas as suficientes
para eu fazer a transição revolucionária na
feira.

Era um engenheiro Nogueira Soares,
do Porto, que me disse logo que tinha em
nome do Dr. Sidónio Pais de quem era proxi-
mo parente por parte da esposa deste.

Lembro-me de que rasguei, à vista dele, o cartão do Brito Carnacho para ficar ciente de que compreendi as razões da visita e dispuz-me a ouvi-lo, verdade, verdade, um pouco contrariado.

Nunca tive feições para conspirador; tinha a impressão (pelo que já tinha visto) de que conspirar a sério era coisa muito difícil; meu senso os princípios dominavam e os interesses saíam na maioria.

Mas, enfim, depois do bilhete do Carnacho, a minha obrigação era ouvir atentamente a mensagem sidoniana.

O engenheiro Nogueira Soares era pessoa muito correcta e pareceu-me inteligente e sério. Expoz-me o caso com simplicidade e clareza: estava em marcha uma conjura chefiada por Sidonio Pais, mais ou menos á sombra do Partido Unionista, com a finalidade de expulsar os democráticos do poder e fazer entrar o regime em caminhos diferentes. Havia na conjura elementos fortes militares e civis que asseguravam o êxito se bem que se previa luta dura atendendo a que o ministro Norton de Matos não era homem para se render com duas palavras.

Seu citar nomes, afiançou o apoio de varias guarnições e, no plano geral do movimento, verificava-se que Coimbra não tinha representação de qualquer especie. Uti-za, por isso, a Coimbra, informar-se do que havia e com que se poderia contar — pois o dr. Sidonio admirava-se dessa falta e não a compreendia.

Embora a exposição do suplen.^{te} não fosse longa deu-me tempo sufficiente para pensar na resposta. Fiz um exordio relativo á minha falta de habilid.^{de} para conspirar; mas subrei depois a serio nas informações pedidas e expliquei que as guarnições não havia grandes simpatias pelos democraticos e que ainda não tinha dado por qualquer tendencia revolucionaria. Os bons elementos que havia e não foram mobilizados, não eram creaturas para se meterem na organização e um ou outro capaz de o fazer não tinham, a meu ver, a idoneidade necessaria para se lhes confiar trabalho dessa ordem e com o inconveniente de, no caso de vitória, serem perniciosos para o restabelecimento da ordem necessaria — o que aliás é de todos os tempos e de todas as revoluções.

Não sei se o engenheiro Soares ficaria convencido da verdade da exposição desastrosa que lhe fiz; mas entendi que o não devia iludir acerca do real da guarnição q. com as anteriores mobilizações ficaria desfalcada dos elementos que poderiam ter peso no assunto.

Depois, a conversa derivou para o estado geral da politica do País e a certa altura o Noqueira Soares foi-se embora apenas com a promessa de eu ir ver com atenção o caso e, se a memoria me não traia, com um bilhete meu de apresentação ao José da Costa Figueiredo, capitão m.º recente e recesso de ir para a guerra... Único que me pareceu capaz de se interessar.

Levei a noite a pensar no incidente; no dia seguinte avistei-me com o Costa Figueiredo que se mostrou muito hesitante com a incumbencia e me disse que ia trabalhar — tanto mais que estava a ver que ia ser nomeado para a Africa... como, afinal, foi pouco depois.

E aqui estão as minhas responsabilidades no movimento ridonista que ajudou na fôrça.

O Sidonio era, de facto, republicano em
 para republicano escondido ou cauteloso pois
 nesses tempos era arriscado mostrar-se
 como tal. Dizia-me o José Augusto Pereira
 de Vasconcelos que nas vésperas de eleições o Si-
 donio ia sempre ao escritório dele pedir-lhe
 uma lista republicana, mas fazia-o com
 certo recato.

Isto, é certo, provava que o homem não
 era monarquico, mas tinha o inconveniente
 de provar também que não era creatura para
 assumir, nessa altura, grandes responsabi-
 lidades. A deante.

Mas quem é que o cercava? perguntava
 eu aos meus votos. Como se dá tal trans-
 formação, de cauteloso e recoso para chefe
 revolucionario em ocasião tão perigosa? Não
 haveria manobra reaccionaria á sombra des-
 se recato que creára já certo prestigio?

Eu desconfiava e para comprazer com o
 bilhete do Dr. Brito Camacho é que respondi
 como respondi. Se não fosse isso diria clara-
 mente que não a qualquer solicitação de caracte-
 rer revolucionario.

Não gostava dos democraticos; mas deita-
 los abaixo com ajuda dos reaccionarios é que

eu não faria. Além disso, eu não sabia ~~se~~ quem eram os promotores da sublevação de Sidónio Pais que, também, não sei porquê, me não merecia uma confiança por aí além. E depois... vinha da Alemanha, com tendências militaristas apegando-se dizia — ele que foi sempre um paizão às claras.

Enfim, era mais uma revolução que ^{em} ma da crise melhorar o regime e ajudaria a confirmar lá fora a nossa incapacidade de governo, no momento em que as nossas tropas se envolveriam na grande luta que se apresentava de maior cariz para os países ocidentais.

O Costa Figueiredo andava entretido na sondagem dos ânimos creio que sem resultados apreciáveis; e eu esperava os acontecimentos com certa preocupação até que, em 5 de Dezembro, estalou a bomba.

Em Lisboa, grande numero de tropas da guarnição saíra dos quartéis e tomara posição na Rodonda comandadas pelo Sidónio Pais; o governo organizou energicamente a resistência e os tocos ferri tiveram.

Nós, em Coimbra, estávamos de reparo na prevenção e as notícias oficiais eram um pouco contraditórias como sempre acontece

em casos idênticos. Depois, em 6, soube-se que em Vizeu o Machado Santos com os oficiais que lá estavam presos desde a revolta do ano anterior, tinham insurreccionado a guarnição e certamente iriam marchar contra Coimbra.

Comandava então a divisão o general João Evangelista Pinto de Magalhães, meu antigo instrutor de Infantaria na Escola de Exército e director dos trabalhos no campo e dos chamados das salas. Era nessa altura capitão de Caçadores e alcunhado de o Caneco certamente por ser cadio. Não era má pessoa, tinha muita paciencia para nos aturar e não lhe faltava indulgencia para todas as nossas irreverencias.

Muitas vezes se deram episodios curiosos com ele com os quaes se não agastava. Uma vez, ao dispersarmos na parade depois de um exercicio de Infantaria e ao descermos a rampa para a arrecadação do armamento, o Mario Silvio Ribeiro de Meuses sempre bem disposto, levantou a espingarda e cantolava em voz bem clara:

« O Caneco e mais a amiga
Fixeram uma patiscada... »

Neste passo da cantiga viu que, em cima, na grade da parada, que deitava pólvora a rampa, o capitão Pinto de Mapalhões, muito serio muito irónico, lhe dizia:

— Oh sr. Meureses! No fim do mês eu lhe darei o Caneco e mais a amiga...

Todos nós reprimimos o riso mas o Mario Meureses ficou preocupado; e, depois de arrumar a espingarda, foi ter com o capitão. Este recebeu-o a rir e perguntou-lhe logo se estava com medo de ele se riir... O Meureses riu-se tambem, conversáram e continuáram amigos da mesma maneira e no final do mês a classificação, como de costume, foi de 12 valores para todos.

Nos exercicios de quadros não sei se do 1.º ou do 2.º ano, na parra de Alferrapide, a norte de Casuaxide, houve no final almoço ao ar livre no terreiro junto da capela de S.ª da Rocha; o Pinto de Mapalhões, director do exercicio, jeoidiu com bonomia e a conversa generalizou-se fraternalmente.

Mas o João Duarte Benefeito que era muito garoto, misturou aguardente nas garrafas do vinho destinado ao capitão; e como este era fraco bebedor, a certa altura do almoço come-

com a dar sinais de que lhe caíra um grão na aza... Foi o que o Bemfeito quis; ao terminar a refeição começou, aliás facilmente, o Magalhães a fazer parte dum câro que organizára e a verdade é que o tom do capitão, reuçoado, cantou com os rapazes uma canção que o Bemfeito improvisára e que, não sei por que títulos, e com que significação começava:

«Remington, tom, tom...
Remington, tom, tom...»

Risota, alegria e confraternização por momentos. Bons tempos...

Bons?... Não sei... Mas melhores, incomparavelmente, do que os de hoje.

O Pinto de Magalhães sugeria-me comigo; nas salas de trabalho da Escola do Exército vinha conversar, por vezes, amigavelmente. Ele era conhecido como republicano e tinha cargo preponderante na Maçonaria — razões, talvez, que o levavam a aproximar-se.

Quando assumiu o comando da Divisão fui cumprimentado no Q.º General como au-tor instruendo; recebeu-me muito bem, e agradeço e lembro-me de que ele me expoz o seu desgosto pelo caminho da política

e mostrou os seus receios pela segurança do Regime.

Voltando, porém, à revolta sidonista.

A expectativa manufinha-se. Quem venceria? Finalmente, em 7, sabe-se que o ministério Afonso Costa está praticamente dirigido por Norton de Matos porque o Presidente e o Dr. Augusto Soares, ministro dos estrangeiros, estão em Londres, dimittira-se e por consequência a revolução virgária e o Sidonio estava reunido da situação com agrasimento, sabe-se depois, dos representantes ingleses em Lisboa.

Mistérios da politica internacional.

Ora aconteceu que em 7 ou 8, não posso já afirmar em que dia, fui chamado ao Quartel General. Lembra-me de que estava a essa hora no quartel a conversar com o Prof.^m Apolinario José Leal e o Carlos Raposo, proprietario rico que acompanhava o Unionismo e muitas vezes me procurava p.^a com pouco de palestra. Estes dois conlegionarios tinham ido ao quartel para saber noticias, calculando que eu as saberia — pois andava no ar a impressão de que o Partido Unionista subiria ao poder com a vitória do Sidonio Pais, o que muita gente garantia.

Então decia e churriscava. O Carlos Pafoso quando infirmei da chamada ao Quartel General ofereceu-me para me levar lá no seu automóvel que deixara á porta. O que haveria?... Ele e o Apolinario ficaram com curiosidade e lá fomos.

No Quartel-General havia barafunda; officiais dum lado para o outro com papelada e com ordens. Andava por lá um coronel Alexandre Martins Mourão, commandante do Regimento 35 não sei a fazer o quê mas com ares de importancia. Estava-se de baixo de ameaça, segundo me disseram, da vinda do Machado Santos a Coimbra para assumir o commando da Divisão — tanto mais que, conforme corria, ele fazia parte do ministerio organizado na Botunda.

O General recebeu-me afavelmente. Estava pareceo se bem que com aspecto preocupado. Disse-me que me chamára porque queria confiar de mim um serviço delicado e de certa importancia. E expoz-me: o Machado dos Santos estava em Luso com as tropas aquarteladas em Viseu e um esquadrão de cavalaria de Nelas; queria entrar em Coimbra com toda essa gente e já trocára com ele, Ge-

neral, telegramas um pouco asperos especialmente porque não era tratado por Almirante — posto a que se julgava com direito. Ora ele, General, não queria agravar a situação e parecia-me que o Machado Santos (que pessoalmente conhecia muito bem) teria conselheiros máis que não deixariam explicar as coisas como elas eram.

O Pinto de Magalhães queria que as tropas regressassem a quartéis e se deixassem de br-
ropias de conquistadores; e queria que o Machado Santos requiesse para Lisboa com os seus officiais e compreendesse que o não podia tratar por Almirante porque o não era; não havia Ordem da Armada ou Diário do Governo onde viesse o decreto de promoções. Desde que esse decreto apparecesse oficialmente, não tinha a menor duvida em lhe dar as honras do Almirantado.

Depois de varias considerações acerca do desordenem politica e, baixando a voz, de mostrar preocupações pela vitória do Sidonio que considerava vitória reaccionaria, acabou por me pedir para eu ir ao Luso, como seu delegado officioso, falar ao Machado dos Santos, expôr-lhe a situação e solicitar-lhe a desistencia da

entrada Triunfal em Coimbra e explicar-me o caso do tratamento que tanto meliudrara o homem da Potúnda.

Eu fiquei-me a olhar para o General: então eu, um simples capitão, desconhecido certamente do Machado dos Santos, é que ia, como mediaveiro num caso tão complicado e, até certo ponto, meliudroso? Expuz as minhas duvidas suavemente; o General ria-se e confessou-me que não contendo a officialid. da guarnição, confiava em mim, como velho amigo e conhecido, além disso conrelegionario, a missão que reputava importante para o seu prestígio.

Tive que lhe dizer que ia...

Ele então deu-me um abraço e pediu ~~fo~~ que fosse o mais depressa possível.

Desci à rua onde o Raposo e o Apolinário Leal me esperavam; disse-lhes o que havia e o Carlos Raposo, radiante pelo inédito da aventura, ofereceu o seu carro dispensando o do Comando que o General pôz á minha disposição.

Tive de voltar ao Quartel para explicar ao Car. Pestana a missão de que fôra encarregado e justificar a minha ausencia.

Estava, nessa altura, no gabinete do Coronel o Major Luis Augusto de Campos Figueira que, ouvindo a minha narração, farijau logo maneira de se evidenciar; e quando saí do gabinete, para ir á aventura que me surgia, veio pedir-me, com muito interesse, licença para me acompanhar. Respondi que o carro não era meu e só o Paposo poderia autorizar; estranhei o interesse de dele, fiquei com a impressão de que não deixar perder a ocasião de parecer que prestava serviços á revolução vencedora e assim ficaria um tanto ou quanto crêdor á nova situação politica.

Seria ou não seria. O certo é que desceu logo a escada e foi pedir ao Paposo, meu vizinho e conhecido, a autorização para ir — o que este, um jeico admirado, não viu razões para recusar.

Era já noite, havia churiscos e frio. Ainda fui a casa arraijar agozalhos e ... Lá fomos, estrada fora, para Sauzelas, seguindo caminho, apesar da estrada ruim.

Passada esta vila, nas alturas do Botão, numa curva, surgiram dois homens com cara encoberta e pistolas em punho que

mandáram parar o carro. Episódio um tanto ou quanto rocambolesco...

Foi para mim, que ia sentado na almofada de trás, do lado esquerdo, que o homem mais avançado apontou a pistola. O carro era descolado, a capota ia caída, e eu fiquei-me a olhar a creatura sem responder ás suas perguntas a respeito de quem éramos e para onde íamos.

Heuve um silencio de alguns segundos que eu ia quebrar perguntando com que autoridade ele estava ali; mas o Tipueira não deu tempo e com a sua natural loquacidade explicou quem éramos e a missão a que aquell ~~era~~ que nos levava ao Luso, etc. etc.

Os licueus baixaram as pistolas e pediram desculpa da parapeu' forçada. E nós seguimos, estrada fóra p.º o Luso.

Ao chegar á estação do caminho de ferro, via-se poldadesca por todos os lados, um pouco ao Deus-dará; mas ao descer do carro fiquei bem impressionado ao reconhecer á porta da estação o meu condiscipulo e amigo Alberto da Silva Pais. Fui direito a ele que se admirou da minha presença ali; démos um abraço e eu expliquei rapidamente

a minha missão e pedi que me levasse ao Machado dos Santos, recolhido segundo me disse na casa do chefe ferroviário.

Então, havia movimento de gente, soldados entravam e saíam, tudo com ar de confusão. O Alberto Pais mandou chamar o homem e levou-me para um compartimento cheio de rolos de cordas grossas e mercaderias misturadas onde me apareceu o Machado dos Santos, fardado de oficial de marinha, agasalhado com um grosso sobretudo do chefe da estação. Vinha acompanhado pelo Lobo Dimentel, tenente ou capitão de Caval.^á, uma das «almas danadas» do Sidonio, que olhou p.^a mim com ares policiais desconfiados.

O Machado dos Santos não: veio para mim de braços abertos, sorridente e abraçou-me familiarmente. Eu aproveitei a recepção para o saudar solenemente, e' claro, como almirante e ministro, dando ao mesmo tempo as saudações do general Pinto de Magalhães.

E para não arrefecer, comecei a explicar os fins da minha missão que ele ouviu atentamente.

O Lobo Dimentel espriava desconfiança do... do meu lado, o Alberto Pais ouvia com interesse; e o Machado dos Santos com modo amavel agradeceu a minha ida e a boa vontade do general em que não houvesse mais mal-entendidos. Concordei com o regresso das Tropas aos seus quartéis visto que seu Coimbra se aceitara o triunfo da revolução ~~para~~ e nesse sentido ele iria dar as suas ordens; jurei quanto ao tratamento a que tinha direito de almirante é que se mostrava um tanto ou quanto resistente.

Eu então reforcei a minha polve dialectica:

— Ueé. Tem todo o direito á promoção a almirante e creio que ninguém o contesta... A verdade, jurei, é que ainda nenhum documento official o cumprava e o sr. general Magalhães, formalista e cumpridor como é, tem relutância em preparar seu tratamento ainda não reconhecido por lei. O sr. general mostrou-me o seu pesar por essa circumstancia e pediu-me que fizesse ver a Ueé. a situação em que elle, como comandante da Divisão,

se estocaria se paises fôra das normas regulamentares.

O Machado dos Santos passava por pouco inteligente e quero crer que, realmente, assim era. Ao ouvir-me, pareceu-me que não sabia bem o que responder; o Alberto Pais deu-me uma pancadinha nas costas que eu interpretei como estímulo para continuar. E de facto cumbi-me:

— Mas, Sr. almirante: ha maneira de solucionar, talvez, estes problemas delicados; é que (acrescentei maliciosamente) V. Ex. é ministro do Governo Provisorio e, como tal, está acima de qualquer posto militar; assim se o Sr. general se dirigir a V. Ex. como ministro, desaparecem as duvidas e tambem os preliudres...

O homem sorriu-me e abraçou-me dizendo que não haveria mais questões; estava assim tudo m.º bem e não queria complicar a situação. O general que ficasse descaucado, tudo correria como ele desejava; no dia seguinte iria para Lisboa e gostaria de ver o general na estação d'agua

passagem no comboio por Coimbra, para lhe confirmar as suas resoluções, etc.

Ora eu, com a dialéctica que desenvolvi e, de começo, com preocupação de meu éxito, não me escarrei o suor apesar do tempo frio; quando percebi que o homem cedia e concordava não me ativei e fiquei satisfeito quando a conversação acabou. Tratei de me safar...

As despedidas foram afectuosas; o Machado dos Santos veio até á porta da estação, abracei o Alberto Pais que me disse, sorrindo, ao ouvido:

— Você chegou para o homem...

Se estas palavras fossem escritas, o Alberto Pais teria escrito homem com maiúscula...

E largámo-nos para Coimbra, debaixo do mesmo chuveiro melido e incómodo. No carrinho encontramos os mesmos euntesados que não fizeram qualquer sinal e nos deixaram passar em paz. Fui ao Quartel General dar parte ao Dintão de Napatões que me agradeceu muito e fui depois a casa jantar; desde a chamada até esse momento, não tivera tempo de comer qualquer coisa.

Os companheiros acháram a dilipencia divertida; mas eu, ao entrar em casa, monologuei asperamente:

— Ave Diabo!... Para mim só vêm as espigas!...

Ora bem. Passado este episodio que ao fim de 46 não deixa de ter seu aspecto comico, continuemos.

A revolução mizpára e era voz corrente que o Dr. Brito Carnacho protegia a nova ordem de coisas; e na verd. assim parecia porque passados os primeiros dias dum governo provisório, apparezou-se um ministério em que havia tres graduados unionistas entre os quaes e na pasta da Justiza, o nosso Moura Pinto.

Houve até uma relação de Governadores Civis que o Carnacho accusou-me, escrita em meus-folho de almagos, quase toda por sua letra; o Moura Pinto guardou essa folha que eu vi, passado tempo, na qual estava o meu nome indicado para Governador Civil de Coimbra — mas riscado com traço a tinta pelo Sidonio que emendou adiante com o nome do Solano de Alveida, epi-

Tão de Cavalaria,⁽¹⁾ meu condiscipulo na Escola do Ex.^{to} nas cadeiras comuns.

A minha escolha para o cargo, escolha que eu ignorava, devia constar logo no Al.^{to} Distrito, certamente porque o Moura Pinto a fizera constar no seu circulo eleitoral; e a prova foi que em 14 desse ditto dezembro, ainda se não considerava a situação completamente em ordem, recebi o seg.^{to} telegrama de Oliveira do Hospital:

« H. ^{Mour} e Ex.^{to} Capitão Belisario Dimentri, meretissimo Governador Civil — Felicito V.^o pelo cargo que lhe foi confiado felicito o Distrito por ter V.^o como chefe. — (1) Antonio Pegado. »⁽²⁾

O pipuetario era um fidalgo de Nogueira do Cravo, conc.^o de Oliv.^o do Hospital, grande influente unionista e muito amigo do Moura Pinto; eu tinha com ele su.^{to} boas relações e era pessoa estimavel, m.^{to} simpatica e prestavel. Foi meu administrador do

⁽¹⁾ Nome completo

⁽²⁾ O telegrama ficou arquivado como outros.

que era seu, arreiu-se - se estupidam^{te} e mer-
cê de uns amigos, veio empregar-se no Ca-
rino do Estávil e morreu mais estupidamente,
poucos anos depois, num desastre de automó-
vel no parque da mesma estância.

Ora este telegrama é que me deu a moride-
de; não sabia que o meu nome fôra lembrado e
com franqueza, não gostei. É certo que, nessa
altura da vida, eu conhecia muito bem a poli-
tica do Distrito, principalmente na parte cor-
respond^{te} ao círculo eleitoral de Arpanil; tinha
nele muito boas relações pessoais e até alguns
amigos que me estimavam. Não necessitava
de informadores para regular como entendi-
se a politica devida.

A situação, porém, não me parecia regu-
ra; eu desconfiava dos seus dirigentes, desde
o Sidonio Pais de quem não gostava, até aos
seus cadetes, rapaziada brava e sem escrupu-
los que o cercava e que ajudava a perde-lo.
Além disso, o Moura Pinto no ministério
trazia-me complicações, com certeza, porque
era ministro e eu, ás duas por três, discor-
dando da sua politica no Distrito, tendo de me
demitir, etc. etc. Felizmente os successos vié-
ram ajudar-me.

Talvez nesse mesmo dia (não me lem-
bro já) o Solano de Almeida que comandava
o esquadrão do regimento de Melas que viera até
Luzo com o Machado dos Santos, entrou polin-
samente em Coimbra pela rua da Sofia, a passo,
muito apressado, seguiu Avenida Sá de Bau-
deira acima, rua de Alexandre Herculano, Ar-
cos do Jardim, até à rua larga onde parou em
frente do Governo Civil; apeou-se, deixou o
esquadrão à espera, pulou a escadaria do edifi-
cio e foi tomar posse do cargo de Governador
Civil.

Depois... desceu e foi arrumar o esqua-
drão em qualquer quartel. Assim ficou a di-
rigir o Distrito, em regime republicano, o mo-
nárquico Solano de Almeida que no próprio
acto de posse não teve dúvida em declarar, sem
releição, as suas ideias políticas.

Foi, ao menos, sincero. Nem todos o to-
raram nessa quadra; em regra escondiam o
seu monarquismo ou com o acção da Pátria
ou com o critério de obediência às ordens re-
cebidas.

Flavia de Rudo.

Dias depois da posse do Solano como Go-
vernador Civil, teve a infeliz ideia de mandar

encerrar o Centro Republicano Dr. José Fal-
cão, o centro do Partido Democrático, mas
 verdadeiramente o centro político históri-
 co e, por sinal, de boas tradições.

Quando isso se soube, fui falar com o
 dr. José Rodrigues e quem expuz a necessid.
 de o Centro Unionista protestar e solidarie-
 zar-se com aquella agremiação; o bom dr.
 José Rodrigues achou bem e fizemos couro
 car a direcção do nosso Centro para esse
 mesma noite.

Na reunião, exposta a razão da chama-
 da, foi aprovada a m.^a proposta de se ir en-
 trepar a chave do nosso Centro ao Gover-
 nador Civil como prova de solidariedade
 com o que foi ilegalmente encerrado. Esta
 minha proposta, embora-me bem, causou
 surpresa e notei que esse ou outro só-
 cio não seria bem recebido por algum re-
 ceio de represalias; mas depois de discus-
 são amável, em que eu fiz ver que era ne-
 cessario dar uma lição ao novo chefe do
 Distrito que nos estava a tratar como solda-
 dos, todos vieram a concordar.

Ficou assente que, no dia seguinte,
 depois de se retirar toda a papelada poli-

ticas (actas, correspondência, notas, etc.) o presidente da Direcção que então era o advogado abernaldo Sacadura, acompanhado de algum vogal da mesma, fosse ao Gov. Civil entregar a chave da casa dizendo que o acto nada tinha de pessoal para com o capitão Solano de Almeida mas era de não concordancia com o encerramento do Centro Dr. José Falcão e por consequencia de solidariedade politica republicana.

De facto, no dia immediato, o dr. Sacadura, neto advogado, monarchico, e homem sério e ponderado, lá foi ao Governo Civil acompanhado pelo dr. Julio Machado Feliciano, medico offalmo-otopista, vogal da Direcção. O Solano de Almeida estava a dar despacho á correspondencia com o 1.º official Augusto Goncalves e Silva que fazia as vezes de Secretario Geral; contou-me depois este funcionario a quem chamavam por troça «o Governador Civil de Castelo Viegas» (1) que o Solano ao dizerem-me que estava lá fora a Direcção do Centro Unionista á espera

(1) Devido a certa influencia politica neste freg. sub-urbana.

de ser recebida, suspendeu tudo e mandou logo entrar os comissionados, de certo convencido de que iriam cumprimenta-lo e afirmar a sua adesão ao novo estado de coisas seu, como o Sidonio proclamava, a República Nova.

A recepção foi cordatíssima; porém, quando o dr. Sacadura, com grande calma e uma grande chave na mão, começou a dizer as razões da visita, o Solano de Almeida ficou passado... De começo recusou a chave, alegando que não tinha dado qualquer ordem contra os Unionistas; mas o dr. Sacadura insistiu, pois a chave na secretaria e com muita cerimonia retirou-se com o companheiro de missão.

A cena devia ter sido curiosa.

Quando a porta se fechou, o Solano sentou-se na sua cadeira, esteve um tempo calado e depois disse para o Gonçalves e Silva com gesto sacudido:

— Aqui anda tramóia do Belisário...

E na verdade andava tramóia minha. E o certo foi que, no dia seguinte, a ordenação do Governo Civil, em nome do Sr. Governador, foi entregar a chave do Centro Unionista e

o que é mais importante, a do Centro Republicano Dr. José Falcão.

A tramoia, como se vê, deu resultado.

Hoje, esta atitude intransigente de solidariedade republicana não foi completamente mantida; com o tempo, alguns unionistas, entre os quais o próprio Dr. Julio Machado, começaram a tentar aproximações com as autoridades; outros entendiam que a minha proposta fora severa de mais, que estava completamente a possibilidade de qualquer entendimento útil.

É possível, e até muito natural, que andasse nisto influencia do Moura Pinto que era homem para todos os entendimentos e o certo é que, alguns socios do Centro chegaram a falar com o Solano de Almeida não como socios mas, de baixo de qualquer razão aparente, simplesmente como cidadãos simpaticizantes com a nova politica.

O Centro, parece, como organismo politico manteve-se, felizmente, á parte, nem deixaria de se manter sem o meu protesto e, quero crer, do próprio Dr. José Rodrigues.

O Solano de Almeida, a certa altura, largou o corpo sem, apesar dos seus desejos

e esforços, ter qualquer contacto politico com mosco.

A transição manteve-se a do mesmo modo com o sucessor, o Luis Alberto de Oliveira, ainda capitão e meu velho amigo dos tempos do liceu, companheiros de patúscadas e serenatas ao luar, apesar de este não se afirmar monarchico como tambem não se dizia republicano.

Lee bom rapaz, seu valor intelectual, mas tinha a garantia, para nós republicanos, de ser cunhado e fiel mandatario do João Tamagnini Barbosa então, se me não enganar, ministro do Interior.

Visitei-o, uma vez, no hotel onde se hospedava, como velho amigo e disse-lhe que, politicamente não nos entenderiamos; ele não levou a mal e ficámos amigos como de antes.

Ora neste entretantos a minha situação militar mudou. O Com. car.º Francisco Gomes, já aqui muito falado, estava Inspector de Inf.ª na 5.ª Divisão e nos fins de 1917 como se desse a vaga do Encarregado da Instrução Militar Preparatoria da zona sul

da Divisão, ofereceu-me e eu aceitei - a logo pois me livrara da papelada do regimento e me daria certas lanchas para me lançar com mais persistência á illustração e infeliz monografia de Miranda do Carmo.

Em 30 de Janeiro de 1918 recebi ordem de marcha para a Inspeção e lá me apresentei em 31 - o que equivalia á colocação no Estado-maior de Infantaria; a confirmação oficial veio depois. (1)

O trabalho era moderado e dava-me o ensejo e certas deslocações agradáveis a varias terras e terras inspeccionar a Instrução M.^{ta} Preparatória dada aos rapazes das escolas primarias em regra pelos respectivos professores.

Assim, corri os lugares de Beira, a rede do concelho de Távoras, a Assafarpe, a Figueira da Foz (por 3 vezes), a Sernido, a Aguiar, a V.^{ta} Nova de S.^{to} André (Mir.^{da} do Carmo) a Pevela, a Laura, a V.^{ta} Nova de Anjos e ia fazendo os relatórios em regra pouco favoráveis.

(1) Determinação 5.^a da O. E. n.^o 2, 2.^a serie, de 30 de Janeiro, recebida na Inspeção em 10 de Fevereiro.

meis, mas á instituição da Instrução M.^{ra} Preparatória mas porque em muitos locais que visitei os instrutores, em geral os professores primarios, não eram competentes e alguns sem condições físicas.

Lembro-me de que, em Vila Nova de Anços o professor era homem de idade e sem meios; notei-me boa vontade accentuada mas a eficiencia da instituição era muito baixa.

Assim foi correudo o anno de 1918 sem novidade para mim. A politica sidonista ia dando os seus frutos; a opressão accentuava-se, os desmaudos dos chamados cadetes do Sidonio eram cada vez maiores. Eu mantive-me sempre á margem de qualquer movimento contrario; o Centro Unionista ia vivendo sem qualquer acto de relevo e eu passei excelente meês e meês, em julho e agosto, com a familia, em Miranda do Corvo, na casinhola do Outeiro das Maías, correudo o concelho em busca de informações e documentos, copiando documentação dos arquivos das Condições, da residência parochial e de um ou outro particular — tudo para a desejada monografia &

me consuevinha aos de trabalho, cancei-
ras e despesas e ficou em « águas de ba-
calhau » como a maior parte dos pontos
autênticos.

Comei o meu compadre José Ferreira
de Carvalho, chefe da Estação Telegrafo-
-por-
Val, fiz grandes caminhadas pelas aldeias
afastadas, corri a Serra e o aglomerado in-
teressante da Ferrinha, esculdinhando re-
cantos meus conhecidos, subi ao Monte
de S. Gens onde há uma capela que creio
ser um problema que deixo para os poste-
ros que queiram resolver bagatelas — até
que regresssei a Coimbra já preocupado
com a m.^a próxima promoção que exigia
uma ida a Lisboa para a inspecção da Jun-
ta de Saude e certo cuidado com a possi-
vel colocação em Coimbra.

Além disso as tensões políticas afro-
ximavam-se... A situação ridonista era
má; sentia-se que qualquer coisa se iria
dar, no ambiente havia sinais ruins.

Eu, como disse, andei sempre afasta-
do de toda essa agitação mas notava prin-
cipalmente que me levavam a crer num pro-
ximo movimento revolucionário que se

um lado quer do outro, isto é: dos republi-
canos que viam no Sidonio o caminho p.^o
a Monarquia; dos monarchicos q. viam
no Sidonio um entrave para os seus pla-
nos de restauração.

Resolventé o Sidonio Pais não agrada-
va nem a uns nem a outros; e a sua sapa-
riada ia afastando certas simpatias. Havia
muita gente presa e maltratada; havia mu-
lta gente escondida aqui e ali; temerosos - um
por ex.^o, de que o Flares Henriques para não
ser preso teve de se refugiar no distrito de
Bragança, junto dum amigo e fuzileiro de en-
ganh.^o á cata de minas não sei de que para
não causar suspeitas.

Enfim, a 12 de Outubro de 1918, em Cim-
bra, rebentou uma revolta militar.

Não sei já contar o que se passou nem
isso importa para estas memórias porque
não tive nêla qualquer parte; os jornais do
tempo dirão com mais verdade. Eu esta-
va em casa quando se ouviram os grím.^o
tiros e em casa fiquei todo o dia porque o
tiroteio foi quase constante e eu sentia o as-
solto das balas por cima do telhado e, além
disso, a minha situação militar não me

obrigava a comparecer em qualquer dos quartéis.

Sobre a tarde, o Bernarda acabou; vi passar, na rua de Alexandre Herculanus, em grupo, os oficiais de Inf.^a n.º 23, com o cor.^{al} Pestana á frente, a caminho do Quartel - General — e á noite não houve mais novidade.

No dia seguinte vim a saber mais ou menos o que houve. Á frente da revolta estavam, entre outros, o capitão de Infant.^a Romano Bernabé Ferreira e o de Administração Militar Alcide de Oliveira e já me não lembro quem mais. Foi uma carrapata sem valor que só agravou a situação e levou os monarquicos a exigirem mais e mais severas repressões.

Nessa altura começou a grassar a chegada grippe pneumónica que fez grandes estragos em todo o País e de que eu fui vítima em pequena escala: meus dias de cama, assim como m.^{ra} Mulher, com pessima assistência porque a criada também caiu e foi hospitalizada; a filha foi para casa dum parente amigo que teve a coragem de arrostar com a força do contagio e atura-la durante uns dias. Da minha cama via frequentemente

pela ladeira do Castelo para os Arcos do Jardim, desceram carros funebres com os respectivos acompanhamentos; o próprio medico, o Arnaldo Macedo a certa altura faltou porque tambem foi atacado, embora ao de leve. Chegamos a passar uma noite sem ninguém em casa.

Entfim, uma quadra m.^{to} má em que, alem da doença, me preocupava a situação politica e a minha propria situação militar pois esperava a todo o momento ser promovido e... para onde?

Em Setembro anterior, no dia 9, vim a ido á Junta no Hospital de Estrelas, em Lisboa para os efeitos da promoção, estava pois pronto para ser major e sem saber o que me aconteceria.

Deu-se o caso (já agora vou contar) de, na Junta, me ver em riscos de ser de facto incapaz para o serviço e, por consequencia, reformado. O meu presidente, um coronel medico "Fulano" Salgueiro, em litteras que eu estava mal do coração e dizia-me que antes ser capitão toda a vida do que major por poucos dias... Nunca soube em que ele se teria fundado para tal diagnostico; valeram-

me os outros dois médicos que não concor-
daram com o meu presidente e lá fiquei de-
do apto para todo o serviço.

Dias depois do regresso a Coimbra fui
ao consultorio do Dr. Daniel de Matos e con-
teci-lhe o caso da inspecção; ele observou-me
cuidadosam.^{te}, perguntou-me quem era o
coronel-médico e disse-me q. ficasse res-
segado, que o meu sistema cardiaco estava
em bom estado; e acrescentou que o coronel
Salgueiro fôra seu condiscipulo ou con-
temporaneo na Univer.^{de} e que o conhecia bem
e por isso dizia que os seus diagnosticos de-
viam ser sempre sujeitos a confirmação...

Maneira delicada de chamar, ao collega,
ou ignorante ou estúpido...

Em agosto anterior requereira ao Mi-
nistro da Guerra para ser colocado na guar-
nição de Coimbra; fui entregar o requere-
rimento ao Gen.^{al} Jaime Leitão de Castro
que então comandava a divisão. Este re-
cebeu-me bem, dizendo que se os dois co-
mandantes dos regimentos informassem
bem a meu respeito, ele preferia-me pa-
ra qualquer das vagas ~~existentes~~ existentes,
mais provavelmente para a do regim.^{to}

de Infantaria n.º 35 e despediu - me amavelmente apesar do seu feitiço péco e rápido.

As informações dos dois comendantes de regim.º foram muito boas especialmente a do cor.º Alexandre Martins Mourão, de Inf.º 35 que se espraizou em considerações de certo lirismo... E em virtude disto desceu do Ministerio da Guerra a nota seguinte:

« S. P. - Secretario da Guerra - 1.º Direcção Geral - 2.º Repartição - N.º 9047 - Lisboa, 5 de Setembro de 1918 - Ao Sr. Inspector de Infant.º da 5.ª Divisão do Exército - Coimbra - do Chefe da Repartição - S. Ex.º o Director Geral encarepa - me de dizer a V.ª G. foi deferido o requerimento que acompanhou a sua nota n.º 692 de 16 de Agosto ultimo no qual o capitão de Infantaria B. P. em serviço nessa Inspeccão pede a sua colocação em Coimbra quando promovido a major. - (a) Frederico E. F. Oliveira, cor.º »

Estavam, pois, as coisas neste je quando o Armando Macedo, já restituído á vida clinica, me deu alta e autorizou a sair e a voltar ao serviço.

Sai de casa em 8 de Novembro; a guerra estava a dar os últimos alentos; os alemães recuavam perante as manobras do illustre Foch; havia alegria em todos; acabára o pesadelo. Apresentei-me ao bom coronel Franc.º Gomes nesse dia e tapam.^{te} conversámos acerca dos últimos acontecimentos desde a revolta de 12 do mês anterior, da gripe pneumónica, da política mandonista, da guerra que ia acabar, etc.

E finalmente em 9 desse Novembro cheguei à Inspeccão a Ordem do Ex.^{to} n.º 19, da 2.^a serie, de 31 do mês anterior, que me promovia a major por decreto de 17.

Fera colocado no Regim.^{to} de Inf.^{to} n.º 35, command.^{te} do 3.º Batalhão. Fiquei, porém, demorado na Inspeccão para entrega do serviço pendente e do arquivo desde 10.

Deixei a Inspeccão com muita pena; o serviço era-me agradável e deixava-me fóra das constantes trapaalhadas das unidades sempre de prevenção, com sobresaltos de proximas revoltas, certas suspeitas de uns e de outros, etc. Mas teve de ser; e apresentei-me em 18 no regimento e ao assumir o commando do Batalhão.

Comandava interinamente a unidade (porque o cor.^{el} Alexandre Mourão estava preso desde 12 de Outubro) o ten.^{te} cor.^{el} António Gomes de Sousa e fazia de 2.^o comandante o major mais antigo Basso de Figueiredo — dos quais terei de falar bastante nas páginas que se seguirão mais adiante.

Estávamos livres da guerra desde 13 de Novembro mas não da inquietação interna que ainda iria dar os seus frutos bem amargos e eu que eu me havia de ver envolvido bem contra vontade e que haviam de dar certas dores de cabeça.

Hoje, com 43 anos passados, esses sucessos dão-me impressão curiosa como se fossem não uma realidade mas uma história que eu architectasse com a imaginação que sempre foi fértil e fácil em arranjear complicadas situações

mas não, infelizmente.

Estes sucessos foram verdadeiros e conseguiram na minha vida uma quadra de 9. me não apulho; mas foi vivida com paciência e eu que conseguí, contrariando a minha índole e talvez alguns princípios

manter-me como identificado com toda a barafunda purpida.

É talvez um caso interessante para o psicólogo: como eu, meu temperamento belicoso e teudo, pela teta armada indima aversão, tenha conseguido dar a impressão de que era um comandante de tropas que mereceu louvores oficiais exactamente como comandante de tropas!

Duplicidade curiosa em que em muitas vezes penso e que, naquela balburdia da chamada Transitânia ficou bem evidenciada.

Lembro-me de que um dia o meu amigo já falecido, o Dr. Geraldino da Silva Baltazar Brites que me conhecia bem dos tempos de rapaz, me fez notar esse desdobraimento de personalidade com certa estranheza.

Cosas que talvez se expliquem pela mistura de paupes em... mais rudemente, quem sabe? por verdadeira falta de carácter.

Assim será...

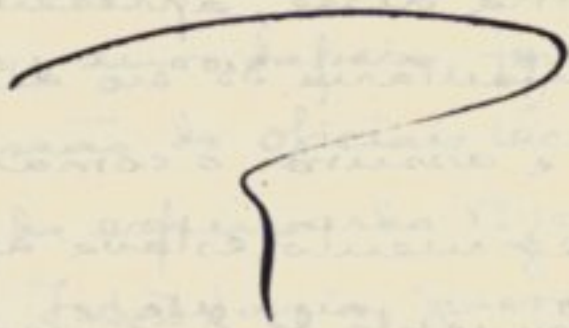
Isto dá para largas considerações e para me espraiair em comentários acerca de muitos outros episodios vividos; mas eu quero apressar este meu rosario de recordações e quanto os olhos deixarem ver

e o pulso direito deixar escrever. E como a minha promoção a major alterou bastante a minha vida, vou passar a outros capítulos — onde se tratará da tal quadra da vida de que, aliás, me não apulho.

Listas

19 de Outubro a 19 de

Novembro de 1962.



XI

«A memoria é um museu, uma variedade imensa de estatuas e quadros...»

Teixeira de Pascoais: Livro de Memórias, pag. 33.

Como acima disse, apresentei-me no regimento de Infantaria 35 no dia 18 de Novembro de 1918 e assumi o comando do 3.º Batalhão. O regimento estava aquartelado no edifício do Convento de S.^{ta} Clara, casarão seu conforto, mal adaptado e até de difícil adaptação; tinha a grande qualidade de estar em local de onde se disfrutava a magnífica paisagem sobre o Mondego quer para Norte quer para Sul e o casarão da cidade por detrás de qual fechava o cenário a Serra do Beateiro e mais longe, à esquerda, o Bucaco.

Era comand.^{te} o tenente-coronel António Gomes de Sousa J.^{or}, interino desde a

prisões do cor.º Martins Mourão em 12 de Outubro anterior.

Este Gomes de Sousa era bom oficial, correcto, paleodôr — se bem que presumia saber mais do que sabia. Conheci-o em Mafra, quando lá passei como aspirante; não foi meu instructor mas tivemos boas relações. Ele afastava-se um pouco dos típicos rocinautes; sendo de família mais do que modesta de Leiria, sua d'inhã aprumo de pessoa superior, ás vezes impertinente, que o não tornava muito simpático á rapaziada.

Quando, anos depois, foi á Alemanha uma comissão de oficiais técnicos assistir ao fabrico da espingarda Mauser-Vergueiro, para a Infantaria, presidida pelo General Rodrigues da Silva, este quiz levar como secretario o Gomes de Sousa e até creio que ainda tenente.

Aqueles quatro anos na Alemanha foram para mim quase uma estrada de Damasco... Encontrei no ambiente alemão, em especial no militar, o meu proprio habitat. No regresso vinha outro; e quando voltei a encontrar-me com ele, em 1911, no Grupo de

Mezcalhadoras, dêmos - nos tuem, mas nas suas conversas havia sempre uma especie de dominador comum: o exercito alemão, a sociedade alemã, a ciencia ~~de~~ alemã... E quando se falava do exercito em geral, ele, em regra, tinha uma frase que proferia com ares dogmaticos:

— O exercito é a pedra de toque da civilização dum povo!

Ouvi-me sempre esta frase e escreveni a num artigo que publicou no Instituto e num livro com o titulo de Quarenta e seis de vida militar — livro que não vale um caracol. O artigo no Instituto foi uma especie de titulo de candidatura a socio, por obra e boa graça do dr. Francisco Miranda da Costa Lobo que o teve por inquilino no parlaté da rua dos Gaudinhos por alguns annos e o tinha em muita conta.

O dr. Costa Lobo parecia andar sempre ahiado em crear influencia junto do exercito e possivelmente julgaria que por ali achava base para qualquer das emburalhadas politicas que architectava contra o regime republicano. Curava-se, porém, redondamente: o Gomes de Sousa não era

criatura para se deixar levar para aventuras de qualquer especie.

Ora era este germanofilo ~~uma~~ cheio de basofia que fui encontrar a comandar o regimento; naquela quadra sidonista era, evidentemente, um sustentáculo politico e fazia boa parêntese com o command.^{te} do Grupo de Artéllharis aquartelado nas antigas hospedarias do convento, o major Monteiro de Barros meu antigo condiscipulo nas cadeiras comuns da Escola do Exercito, a quem por especial conformação do crânio nós chamávamos o calceca de apito.

Este Barros era pessoa de confiança para ali ter sido pelo general Jaime Leitão de Castro quando este fez instalar o Grupo de Artéllharis em Coimbra como necessario a regerancia da guarnição que não vivia em cheiro de paubidade. Como homem, o Barros era um poltre diabo; chepan a general como não podia deixar de ser e foi command.^{te} da Guarda Republicana e Governador Militar de Lisboa onde, se me não enganar, creio ter terminado a sua carreira militar apauhado pelo limite de idade. Um insignificante ^a ~~que~~ os vaivens da politica deu certa importancia.

Quer este Barros quer o Gomes de Sousa eram considerados sustentáculos da situação ridonista de modo que a minha entrada no baluarte de S.^{ta} Clara não seria vista com bons olhos. Mas, enfim, dêmos - nos tempo até certa altura supuanto as coisas corriam sem grande novidade.

Um dia, na primeira quinzena de Novembro, reuniu a Junta Militar do Porto; e uns dias depois da m.^a apresentação no regimento, o Gomes de Sousa chamou-me para me mostrar as proclamações impressas distribuídas tapamente. Eu ouvira já falar nesse movimento politico mas m.^{to} por alto; parem os nomes da Junta já trabalhavam com algum afino uns tempos antes.

Pelas memorias do general Camagnini de Alencar que pertenceem ao poderinho, o coronel Salvador Pinto da Franca ⁽¹⁾ que me confiou os cadernos respeitantes a esta quadra politica, vi que já naquela prim.^{na} quinzena de Novembro, a Junta solicitou a sua adesão ao que ele, general, respondeu que

(1) Hoje estão depositadas e reladas até 1968 (pelo erro) no Arquivo Hist.^o Militar.

proclamara, pouco antes, a Divisão, em termos que se coadunavam com os propósitos apresentados.

Com esta resposta, é claro, fugiu a tomar posição e conta que reuniu os comandantes das unidades que declararam estar a seu lado.

todavia (oh circunstância do coração humano!... como diria qualquer poeta sentimental) os mesmos comandantes pouco depois, a 19 ou 20 do mês, responderam ás circulares da Junta informando de que, incondicionalmente, estavam a seu lado.

O general Baumgrin, em vista disto, reuniu novamente os comandos e ficou resolvido confirmar a adesão aos propósitos da Junta do Porto. Isto consta das ditas memorias do general e passou-se pelas alturas, como disse, da m.^a apresentação no regimento — e quando o Gomes de Sousa me chamou p.^a mostrar as proclamações eu ignorava estes factos que só agora, pelas memorias confidenciaes fiquei sabendo com clareza.

O Gomes de Sousa de certo quiz ouvir a m.^a opinião, mostrou proclamações já co-

ulhecidas há tempo e não me confiou o su-
cedido anteriormente. Eu dei-lhe, então,
a m.^a opinião com toda a franqueza possí-
vel e considerava homem leal; vi logo que
ele era favoravel ao movimento jun-
tista o que me não admirava — pois «o exerci-
to é a pedra de toque da civilização de um
paiz...» mas não deixei de lhe falar abertamente
como a pessoa amiga.

Dizia-me ele que era necessario que o
exercito afirmasse a sua vontade e outros
estribalhos equivalentes e eu procurava fa-
zer-lhe ver que o Sidonio era pessoa para
levar a tarefa ao fim e, embora eu não
concordasse com a sua politica, entendia q.
a intromissão da Junta do Porto não deixa-
va de ser uma intromissão da classe mili-
tar, sempre periposa e poderia trazer como
consequencia revoltas — o que era fidi.

Ele ouvia, discutia fracamente mas
percebia-se bem que ficava na sua, sem fa-
zer afirmações claras; e eu hoje vejo pelas
memorias do gen.^l Tamagnini que ele foi
muito comigo, só me quiz ouvir para
avaliar o que eu poderia ser dentro da uni-
dade aude, devo dizer sem banofia que me

digo a verdade, tinha certo jêso como os factos demonstráram seu leue.

Os dias passavam incertos. Conta o general Barnagrim que por vezes falou (te-
lephonicamente?) com o Governador Civil
do Porto e aconselhou certa prudencia
afirmando que divergia dos intuitos das pro-
clamações espalhadas pela Junta — o que,
francamente, não se percebe muito bem.

Conta o general também que o governo
estabeleceu negociações com os homens diri-
gentes da Junta; que alguns ministros fo-
ram ao Porto sem tirarem resultado satis-
fatorio da missão. Menciona ainda casos
de indisciplina, de opprimões desrecontradas,
de ordens e contra-ordens, enfim, uma re-
zafeuda completa que ele conecta com es-
tas palavras: «descuraram dias em que eu
"peu ter defimido ainda a mi. atitude para
"com a Junta Militar, isto é, a colaborar com
"os seus membros...»

Quer isto dizer que o general não teria
oppimões formada e andava um tanto ou
quanto ás aranhas sem saber bem o que deve-
ria fazer. Antes de ler as memorias não
o julgava assim tão irresoluto.

Alé que ... Nesta noite em que o major Vasco de Figueiredo me pediu para ficar por ele de prevenção á noite, e eu estava, é claro, no quartel, o major Monteiro de Barros, de Artéria, chamou-me ao telefone para me dizer que estava no seu gabinete o ten. - car. do Cavalaria Jaime Carvalho da Silva com outros oficiais da guarnição do Porto e me desejou falar; respondi que não tinha duvidas em o receber e mandei logo chamar os oficiais que constituíam, comigo, o grupo de prevenções. Queris que eles estivessem presentes á visita.

De facto, daí a um pouco, fui receber ao cimo da escadaria o Carvalho da Silva que era um dos primeiros signatarios das varias proclamações da Junta.

Pequena estatura, mas muito empertigado, de monoculo, fardado com elegancia que poderia parecer, a muitos, impertinencia. Já acompanhado de uns tres ou quatro officiais, um dos quais era official de Engenharia (se me não enganar) e filho do de. José Pedro Teixeira, professor da Universidade do Porto e neto do velho professor de Coimbra, dr. Manuel da Costa Almeida.

Este rapaz veio a morrer em combate, perto de Vila-Real de Trás-os-Montes, durante a campanha que se seguiu depois de 19 de Janeiro do ano de 1819.

Fiz aos junhistas uma recepção cordial e convidei-os para o gabinete do commando. Os meus officiaes entraram tambem; mandei-os, a todos, sentar-semas ficámos todos de pé. Ainda estão a ver a cêna...

Eu tomei o lugar junto da secretaria do commandante que, aliás, eu ali representava; voltando-me para o Carvalho da Silva disse-lhe com o melhor dos modos:

— A que devo o prazer da visita honrada de V.ªs?

O Carv.º da Silva, de momento em risete, começou seus grandes preambulos a reproduzir o fazeeado das proclamações já conhecidas, a repisar os argumentos da necessidade de o exercito impôr a sua vontade para acabar com as contendas politicas e terminou por solicitar a nossa adesão aos propositos da Junta Militar do Norte...

Eu então, procurando ser pereuo, agradei a visita e fiz justiça ás intencões dos officiaes da Junta mas não pô eu como os

oficiais do regimento que estavam presentes, não viamos com simpatia o movimento por nos parecer que, em todas as afirmações, aliás patrióticas, não havia afirmação clara de que o Regime Republicano não corria perigo. Além disso o Presidente Sidonio em cujas mãos a República estava em trepue, pretendia o mesmo rearranjo político proposto pela Junta e assim nos parecia que era inútil e prejudicial à paz e sossego de que necessitávamos, o movimento de protesto começado no Porto.

É claro que ao fim de 44 anos não posso garantir que as palavras fossem precisamente estas; mas o que afirmo é que o sentido e o espírito da minha fala foram absolutamente os mesmos.

Fui ouvido em silencio e notei que os oficiais que acompanhavam o Carvalho da Silva me olhavam e observavam com curiosidade.

Quando cheguei a esta altura da par-tenda, o Carvalho da S.^a quase cortou:

— Muito bem, sr. major, não vale a pena gastar tempo com palavras; o que de-sejamos saber é se poderemos contar com

a adesão efectiva do regimento de Infantaria n.º 35.

Eu respondi então com um gesto amavel mas com firmeza:

— Não, sr. Tenente-Coronel, não poderei contar connosco... Lamento muito estas divergencias que nos separaram; mas devo ser verdadeiro com V.ª.

O Carvalho da Silva teve, em resposta, esta frase que não correspondeu ao afrecho com que até ali se mantivera:

— Está bem... Também de pouco serviria o auxilio dum regimento de impedidos...

De facto, o efectivo da unidade ia pouco além do numero de graças impedidas; mas eu, sorrindo, ainda objectei:

— Mesmo assim, sr. Ten.^{te}-coronel, não era tão pequeno auxilio que não valesse a pena V.ª. subirem a ladeira ingressos até cá acima...

Quase brevemente, o Carv.º da Silva despediu-se; eu passei-me para a esquerda e fiz sinal aos meus officiaes para nos acompanharem; ao descer a escadaria e ao chegar a um ponto em que havia um degráo quebrado, com certa extensáo, e ao ver que o

tenente-car.^{el} ia a pôr o pé em falso e mostrando que ele via falso, meti a minha mão direita no braço esquerdo dele como apegar-lo e disse-lhe:

— Cuidado com o degrão, pr. Ten. Car.^{el}.

Não sei o que ele julgou; empertigou-se de repente, teve um gesto de reacção mas caiu logo em si e balbuciou um «Muito obrigado!» a meu respeito. A porta das armas estava parado um automovel; ao abri-la o portão observei-lhe que havia degrãos e no intervalo destes para o carro umas gotas de agua porque estava a chover; o homem caiu em si, agradeceu a recepção e as minhas atenções e depois de fechadas as portinholas ainda me deu umas «boas noites!»

Subindo com os officiaes reunii-os no gabinete que me pertencis como comandante de do batalhão e perguntei-lhes pelas impressões colhidas. Não me recordo já quem eles eram mas lembro-me de que aprovaram as minhas palavras e ficámos depois comentando o episodio.

Eu não gostei do caso. O que viria a sair daquilo?

Passada uma meia hora ou pouco mais fui chamado ao telefone. Era o Gomes de Sousa que me disse que fora procurado em casa pelo Carv.º da Silva e este lhe contara o que se passou na visita ao quartel; mostrou-me contrariado com a minha atitude, que eu não devia ter afirmado que o regimento não acompanhava a Junta, tanto mais que o general Tamagnini Rivera uma conferencia com o Carvalho da Silva e resolvera aderir ao movimento juntaista. Acrescentou ainda que a Junta ia nomear o Tamagnini comandante das tropas que estivessem a seu lado. E o Gomes de Sousa terminou a conversa por me dizer que eu colocara mal o regimento o que me obrigou a responder que, se entendesse, pedisse a minha saída imediata para ~~o~~ não ser entrave ás suas resoluções, pois eu não voltaria atrás.

Reclmente, nas memórias do general Tamagnini diz-se que o Carv.º da Silva lhe afirmára sob juramento de honra, que a Junta não tinha intenção de restaurar a Monarquia e por isso ele, general, para não «jogar com pé de dois bicos» resolveu prestar a sua adesão — mas, á cautela, man-

deu cortar pela censura a notícia que os jornais iriam dar dessa adesão e a de que iria ser nomeado comandante - chefe das tropas que aderiram - comando que, aliás, não veio a aceitar.

O Gomes de Sousa dissera, de facto, a verdade; mas também a verdade é que a palavra dada pelo Car.º de Siqueira não seria muito séria; por detrás de afirmações pomposas de salvação da Pátria e de moralidade na administração pública, as intenções dos membros da Junta eram a imposição ao Sidonísio Pais para abandonar o poder e proclamar-se a Monarquia.

Isto mais ou menos me foi confirmado, muitos anos depois, em Caldelas, durante conversa amena e sem responsabilidades na varanda presente do Hotel da Bela Vista com o major reformado Borges, ao tempo gerente da Empresa das Termas e que foi um dos signatários do decreto que proclamou no Porto a mudança de instituições.

Com isto tudo, a situação começava a agravar-se; e a morte violenta do Sidonísio em 14 de Dezembro mais a agravou.

Eu estava de presença no quartel, nessa noite de 14 de Dezembro. O Gomes de Sousa mandou-me chamar ao gabinete onde estava um alferes ou tenente miliciano Perez, funcionario dos Correios que, confidenciaalmente mostrava uma fita do aparelho Morse ~~com a comunicação da morte do Sidonio~~ com a comunicação da morte do Sidonio recebida em Coimbra pouco antes e particularmente dada pelos colegas de Lisboa. O rapaz, que fôra a correr ao quartel com a nova noticia, lia a fita com trepidos na voz; o Gomes de Sousa parecia preocupado e eu, mais sereno porque o successo não me abalou, tentei tirar conclusões, pretendendo filiar o desentace tragico na politica seguida até aí que sempre me pareceu inoffensiva.

Enfim a conversa seguiu amavelmente mas em tom de preocupação — mais de certo (pensava eu) a Junta sentir-se-ia mais á vontade e começaria a trabalhar mais á claras. O Sidonio, dizia-se, era the contrario e a sua ida ao Porto teria o proposito de a anular ou, pelo menos, de a obrigar a outra direcção.

O que é que se requiriria á tragédia? A rapaziada que rodeava o ditador o que é que faria, agora, sem o seu chefe?

Nessa noite, passámos as horas em claro, cada qual com pensamentos diferentes mas ambos, eu e o Gomes de Sousa, visivelmente preocupados. Conversou-se, também, pelo telefone, com o Barros da Artellarria, que me pareceu ter ficado desorientado; no seu espírito de vistas pouco largas deveria estabelecer-se grande confusão e, possivelmente, certos receios.

Recordo-me de que a comunicação oficial da morte do Sidonio veio ainda de noite já adeantada; reforçou-se a prevenção desde a madrugada por ordem do Tamagnini que, como commandante da Divisão me pareceu não se portar como seria de esperar dum homem que podia comandar o Corpo Expedicionario Paraguaiense em França.

Nas suas memórias já aqui citadas, procura defender-se mas ficou com a impressão, ao lê-las, de que não o conseguira.

Depois de aderir á Junta perante a palavra de honra do Carvalho de Silva, diz que

se destigou porque não quiz comandar as suas tropas. Que concluir de tudo isto, destas indecisões ou hesitações ou falta de um critério seguro?

Não sei.

O que aí fica relativo ao general foi extraído do caderno manuscrito que o Salvedor Pinto de França me confiou, do qual fui autorizado a copiar o que quizesse.

E ficou-se á espera... O que é que se requiria? As prevenções continuaram. Lembrou-me bem de que, durante o período de 15 de Dezembro a 4 de Janeiro seguinte, a prevenção era excessivamente rigorosa e de que eu dormi nove noites seguidas no quartel, mal acomodado na minha cama de campanha — o que equivale a dizer que nessas nove noites não dormi bem.

Mas era assim.

Parece que todos tinham medo uns dos outros e, com efeito, a mutua desconfiança era quase geral.

E depois...

Haue outro episodio em que eu tive um papel curioso e que merece ser contado.

Um dia, não me lembro se em Dezembro se já em Janeiro (mas mais provavelmente em Janeiro passadas as precauções rigorosas) anunciou-se que uma companhia de Infantaria de um dos regimentos do Porto (salvo erro) ia a Coimbra em nome da Junta cumprir com os "camaradas" comiméricos.

Realmente essa força chegou um dia e foi apresentar-se no Quartel-General que a mandou alojar no quartel do Grupo de Art. Maria. Nosso vizinho — pois no de Infantaria n.º 23 alçaram qualquer razão para a não receber e no meu, escusado é dizer, a visita seria contraproducente.

A companhia vinha do Viceu onde foi cumprir com a guarnição. Estêve uns dois ou tres dias em Coimbra e deu passeios pela cidade, em formatura, com certos arrepanhos como a querer renovar, quem sabe, que a Junta tinha força suficiente para o que desse e viesse.

Ora aconteceu que certa tarde reunimos o Regue de oficiais; reunidos estes no corredor á porta do comando, o Gomes de Sousa mandou-nos entrar no gabinete e disse-

nos que o major Monteiro de Barros, o ci sinto command.^{te} do Grupo de Artilh.^a queria prestar homenagem a companhia de Rufaeviana das forças da Junta Militar que lá tinha hospedado e cuidava os oficiais do regim.^{to} n.º 35 para um «copo de agua» nessa mesma tarde em honra dos camaradas do destacamento.

E terminou por dizer que depois do toque da ordem esperava os oficiais que o quizessem acompanhar. E despediu-nos.

Os oficiais ouviram e não disseram palavra. Lá fora, no corredor, olhámos uns para os outros; e muitos vieram ter comigo para saberem o que eu faria. A todos respondi que procedessem como entendessem, que eu ainda não tinha resolvido o que faria e o caso era com a consciencia e os princípios de cada um.

Percebi que os oficiais ficaram desorientados mas eu não quize influir nem mesmo ao de leve — mas tive a impressão de que o caso iria dar errado.

De facto, pouco depois do toque da ordem o Gomes de Sousa veio para o corredor, ao ci mo da escadaria, calcando as tuvas, com

o ar superior que usava em situações semelhantes; os oficiais foram chegando e, quando viu que estavam todos, desceu as escadas, atravessou o Pátio sem dizer palavra.

A' sua direita ia o Tasso de Figueiredo; á esquerda ia eu. Nas janelas do quartel de Artelharis havia muita cabeça a espreitar.

Ao transferir o portão do Pátio e no momento em que o Gomes de Souza se inclinava para os lados do quartel dos artelheiros, eu fiz a minha continência e disse muito a sério e com firmeza:

— Meu Ten.^{te} - Coronel: se não necessita dos meus serviços, eu sigo para minha casa.

Ele evidentemente não esperava o golpe; olhou-me com triste ar de surpresa e, com uma vaga continência, respondeu qualquer coisa que significava não precisar de mim. Eu voltei-me para o grupo dos oficiais que ia atrás e muito naturalmente disse-lhes:

— Até amanhã!

E cortando á esquerda, meti a' calçada de S.^{ta} Isabel sem olhar para trás. Andados parecem mais de 30 metros ao pensar na cara do Gomes de Souza e do insignificante Tasso de Figueiredo, ao mesmo tempo que

olhava o poente magnifico que caia sobre o casario da cidade e sobre o Mondego naquella altura cheio de lado a lado, senti passos cadeuciados atraz de mim. Não quiz olhar para ver quem vinha desceudo — mas em pouco tempo fui abordado pelos officiais que, na quase totalid.^{de} se despediram como eu do commandante e vieram atraz de mim.

Eu fiquei em tanto em quanto admirado e observei - lhes que talvez tivessem feito mal; eles responderam com vivacidade q. procederam assim porque não estavam para ir ao «copo de agua» confraternizar com os honreiros da Junta. E seguimos, ladeira abaixo comentando o episodio.

E' claro que eu calculei logo que o Gomes de Sousa lançaria as culpas sobre a m.^a pessoa, que teria sido eu o autor da cena espectacular nas barbas do artilheiros e dos officiais homenageados; mas q. fazer?

O dardo fôra lançado e aude iria parar e bater e que se não sabia.

Ora eu devo confessar que, ao resolver despedir - me do Gomes de Sousa como fiz, para acubuar ter a m.^a posição, não pensei nas consequencias. Eu poderia ter dito

ao comando^{te}, no gabinete, a seguir do comitê, que não ia ao «copo de água» e o assunto ficava liquidado sem mais barulho; mas o Gomes de Sousa era muito capaz de me justificar a ausência com qualquer qualquer forte e assim, implicitam^{te}.
 eu ficaria considerado como aceitante do comitê.

Resolvi, pois, acentuar ás claras a minha recusa e, francam^{te}, sem pensar em que poderia arrastar os outros a quem essa atitude poderia prejudicar.

Enfim, as coisas são o que são e a cêna deu-se com certo escandalo pois averiguadas as contas, o Gomes de Sousa entrou no quartel de Arxêmaria acompanhado do só pelo Tasso de Figueiredo e por mais dois ou tres officiais — eu simpatizante com a Junta (e está muito bem) ou cagaretas (o que já não está tão certo...)

Ora no dia seguinte é que foram elas.

Quando, seguindo as boas graças, entrei no gabinete do comando para cumprir mentar o Gomes de Sousa e levar-lhe a papelada que me competia levar, recebeu-me com ar carrancudo, não me estendeu

a mão e, antes de lhe mostrar os documentos, desfechoi-me um sermão acerca do meu procedimento da véspera, com linguagem violenta que nunca lhe ouvira empregar.

Eu afirmei-lhe que o meu procedimento foi de carácter individual, que nada dissera aos officiais e que, se estes se recusaram a ir ao quartel de Artelharie, foi porque assim o quizeram; e como tinha certa familiarid.^{de} com ele, disse-lhe quasi queas coisas de reprovações relativamente ás amabilidades para com os honreiros da Junta, etc. A discussão azedou-se um pouco; a certa altura elle perguntou-me se eu queria mandar no regimento; eu respondi que não, que não mandava e nem queria mandar mas que elle, Gomes de Sousa é que foi o culpado do sucedido porque não quiz ouvir o que eu lhe dissera acerca dos successos correntes e era de esperar este ou outro desfecho desagradavel.

O homem exasperou-se e, já suggestivamente, saiu-se com esta:

— O major passa a entrar neste gabinete só por motivo de serviço!

Eu fiz uma ligeira menção de assen-
timento como de quem diz: estamos de acor-
do! Puxei da papelada que lhe devia mos-
trar e, cumprida a formalid: daí. Estavam,
pois, interrompidas as relações — e assim
ficaram até ele morrer.

Felizmente, até ao dia 19 de Janeiro,
não houve nada de notavel que podesse
fôr em Jeripó a boa paz fóra das preven-
ções em que se continuava viver. E o in-
teressante é que o pobre diabo do Tasso de
Figueiredo sempre com o seu sorriso fan-
to, parece que me evitava ~~em~~ porventura
na com receio de o commandante reparar
nos nossos encontros.

Este Tasso de Figueiredo era filho de um
oficial de Marinha que deixou certo nome
como marinheiro desembarcado e com-
petente, mas não herdou do pai essas qua-
lidades de desembarco, afurto e saber;
era verdadeiramente o que, em calão, se
chama um caguincha...

Quando se deu o episodio que atraz con-
tei com o Carv: de Silva, eu estava de pre-
venção por troco com ele que, nesse noite,
disse ter qualque coisa que o obrigava a fi-

car em casa; foi melhor assim pois ele estivesse no quartel diria ao visitante que sim, que o regimento estava de aluna e careção com a Junta e isso daria pior resultado.

Não quero levantar falsos testemunhos mas quem sabe se lhe cheirou a próxima visita e, fugindo ás responsabilidades, me solicitou a troca? Tenho a impressão de que era homem para isso; mas assim, e felizmente, o Carv. da Silva encontrou a necessaria resistencia.

Adiante.

Encontrei-o depois, em Tomar, no ano de 1935 a comandar o regimento de Infantaria n.º 15; mas quando lhe chegar a vez de ir até aos Altos-estudos, passou á reserva voluntariamente ou por decisão da Junta de Saude, não sei. Mas estou certo de que se não aguentaria no balanco do curso de baixas; quer de inteligencia quer de elementar cultura, não possuia o suficiente para duas semanas de trabalho.

E a vida continuou e a situação politico continuava a agravar-se.

O ministro da Guerra que succedeu ao Amílcar Mota, o car.º de Cavalaria e Thuro

de Meudonça, ordenou a transferência de material e animal para o Porto, como reforço às tropas da junta; e um dia appareceu-me no regimento, em occasião em que o Gomes de Sousa e o Barro de Figueiredo não estavam e eu tive de arcar com responsabilidad.º de comando, um official do Quartel-General com um recibo assinado pelo coronel do Est.º Major João de Almeida (então command.º interino da Divisão por ausencia do general chamado a Lisboa) e pelo major Alberto dos Santos Pereira Monteiro que, por obra e graça do Camagnini exercia funções de Chefe do Estado-maior (!!), recibo, dizis, de certa quantia de dinheiro, quase todo o numerario existente no nosso Conselho Administrativo.

Eu recusei-me a entregar o dinheiro; disse ao official que voltasse quando o command.º do regimento estivesse presente.

E' claro que fui chamado logo ao telefone pelo Monteiro, um pouco zangado pela minha desobediencia; eu disse-lhe coisas desagradaveis que ele ouviu sem se commover — pois era pai para toda a colher como sempre; mas o dinheiro só saiu quan-

do o Gomes de Sousa voltou e autorizou
seu discurso.

O diuheiro foi logo transferido para
o Porto como depois me informaram.

Nesses dias de interinidade, o João de
Almeida fez seguir p.^a o Porto dois vagões
com munições de Artilharia e Infantaria
recolhidas no paiol do quartel de Santana
e no do Grupo, em Santa Clara. O general
Barnagrim referre-se a este abuso do João de
Almeida nas memórias já aqui citadas e
referre-se com palavras de censura.

Maus dias se passaram então.

Não se sabia o que viria no dia seguinte.
O Governo não conseguia resolver o
problema da Junta Militar do Porto que con-
tinuava a dar ordens e a fazer proclama-
ções como se exercesse soberania.

Em Santarém rebentou uma revol-
ta em que apareceram como figuras prin-
cipais o Álvaro de Castro e o Cunha Leal;
caíram-lhe em cima forças importantes
que depois de bombardeam.^{to} feroz e tiraram
forte fizeram render os revoltosos nos co-
meços da segunda quinzena de Janeiro,
e a memória me não esqueça.

A barafunda aumentou. Parecia que o Governo não tinha forças (como não teria) para a dominar quando, em 19 de Janeiro, estava eu a jantar em minha casa, me entrou o dr. Apolinário José Leal, bastante comovido e me anunciou que a Monarquia estava proclamada no Porto pela Junta Militar, com o Sr. Silva Couceiro á frente, representante de S. Magestade.

Se bem que os successos se succediam nam nesse sentido, a noticia surpreendeu-me algum tanto. Acabei de jantar, fardei-me e desci á cidade baixa.

Fiquei impressionado com o aspecto das ruas desde o Largo de S. João ao da Portagem. Quase ninguém transitava, não havia os grupos que normalmente se viaem as portas dos cafés e tabacarias; e nas poucas pessoas que passavam notava-se um ar de interrogação, como de quem pergunta: «o que ha?...»

Parecia que se estava debaixo de ameaça de uma catastrophe.

Voltei a casa, confesso, muito impressionado e apreensivo. No Governo não havia gente que inspirasse perfeita confiança;

o João Barnagrimini Barbosa parece que era, de facto, republicano; mas chegará ele para aquecer o péso dos acontecimentos?

E o exercito, como é que comportaria, não sendo, como não era, um exercito republicano?

Com todas estas preocupações passei a noite mal. O que peria o dia seguinte?

Lista

19 a 24 de Novembro
de 1962.

...no se dá a impressão de que o Brasil seja um país
de riquezas, de abundância de recursos, de força
de trabalho, de desenvolvimento econômico. Pelo contrário,
parece um país de pobreza, de atraso, de estagnação.
Este é o estado atual do Brasil, segundo se pode
concluir de sua situação econômica, social e política.
O Brasil é um país pobre, atrasado e estagnado.
Este é o estado atual do Brasil, segundo se pode
concluir de sua situação econômica, social e política.

Se bem que os recursos são abundantes,
não são bem aproveitados. Há uma grande
desperdiço de energia, de talentos, de recursos.
Faltam meios para aproveitar estes recursos.
Faltam meios para desenvolver o país.

Se pudéssemos analisar com o aspecto das
causas desta situação, veríamos que se trata
de um país muito rico em recursos, mas que
não os aproveita bem. Há uma grande
desperdiço de recursos, de talentos, de energia.
Faltam meios para aproveitar estes recursos.
Faltam meios para desenvolver o país.

Parece que se estão debaixo de uma
grande sombra.

Está no caso, confesso, muito injusto
receber o pagamento. No Governo não há
nenhuma coisa que inspire confiança.

Indices

- Alcázar { Fernando Carraguirri de }, general - 217,
218, 219, 223-227 e 228-229.
- Aldeia { Antônio de M. G. } - 18
- Albuquerque { P. P. de } - 74
- Albuquerque { António Mendes } - 128
- Almeida { do Manuel de } - 218
- Almeida { do Dom. João de } - 42, 48, 131 e 213
- { Cap. João de } - 226-227
- { João Sebastião de } - 228 e 241
- { Luis de Castro de } - 258
- { Helena de } - 287, 290, 292-296
- Amorim { Blas de } - 230 e 231
- Amorim { Casca de } - 14
- Amorim { Estevão }, do Rio de Janeiro - 38
- Amorim { do Manuel de } - 47
- Amorim { João José de Castro de } - 179, 191, 301, 312,
366, 367, 373-374
- Amorim { João de Sá de }, Cap. - 53, 52, 37, 427-440,
255-256 e 259-268
- Baptista { } { Thom. S. Lages } - 249 e 250
- { Jaime } capitão - 175
- Baptista { João Marques de Sá }, Cap. - 130 e 132
- Baptista { João Marques de Sá }, ministro - 227 e 228
- { João } - 202

I

— Anos —

II

~ Proprios ~

Abeceu {Fernando Tamagnini de}, general: 263,
314-318, 323-327 e 336-337.

Adão {Aristides Martins}: 8

Albuquerque {P.^o Pedro de}: 97

Alcautara {Antonio Meudes}: 135.

Alencão {Dr. Manuel da Costa}: 318

Almeida {Dr. Ant.^o José de}: 17, 18, 191 e 253

" {Car.^{al} João de}: 336-337.

" {José Sebastião de}: 231 e 241

" {Luis de Castro e}: 258

" {Solano de}: 289, 290, 292-296

Amaral {Elói de}: 230 e 235

Amarante {Caude de}: 14

Anastácio {Família}, da Laura: 35.

Arriaga {Dr. Manuel de}: 17

Banozol {João José de Bantanea}: 139, 141, 145, 152,
166, 167, 172-174.

Baudeiro {José da Silva}, car.^{al}: 53, 52, 57, 187-191,
255-256 e 259-268

Baptista { } Ten.^{te}, Lagos: 219 e 220

" {Jaime} capitão: 25.

Barata {José Marques Per.^{na}}, Ten.^{te}: 121 e 122

Barbosa {João Tamagnini}, ministro: 297 e 339

" {José}: 242

- Bargão (Ant.º Dias): 139, 140, 143, 154, 156, 159 e 175.
- Barreira (Dr. João): 102
- Barreto (Abilio Roque de Sá): 131
- Barros (Alexandre de): 243
- " (João de), rec. xx: 11 e 12.
- " (Garcia de) Juvenal: 197
- " (Monteiro de), major: 313, 314, 318, 326-329.
- Bastos (João Pereira), Ten. car.º: 47, 52, 53, 78 e 89.
- Beaufeito (João Maria Duarte): 112 e 277-278
- Berges () major ref.º - 324
- " (Francisco) jornalista: 19.
- Botelho (José Just.º Teixeira): 31-33.
- Brites (Dr. Geraldino da S.º Baltazar): 308
- Brito (José Joaq.º Gomes de): 124-126
- Bustarff (Família), Algarve: 207-208
- Calvel (Gen.º Arnaldo da Costa): 92
- Caldas (José): 228.
- Cauacho (Manuel de Brito): 17-19, 73, 142, 149, 150, 184-193; 204-207, 229, 230, 232, 233, 235, 240, 252, 270, 271, 274 e 289.
- Cauçeira (José Martins), capitão: 140, 165, 166.
- Cauços (Dr. Ant.º de), juiz: 57 e 59.
- " (Julio de Alencar): Ten. c.º: 152
- " (Vasco Braz de): Ten.º: 105, 106 e 110
- Cardoso (Dr. José Maria): 3, 4, 6-9, 34 e 35.
- Carmona (Ant.º Oscar de Figueiredo): 103, 116-120
- Carvalho (Benito Pereira de): 141 e 174.
- " (Fernaz de): 139, 152-156 e 159
- " (Franc.º Augusto Martins de), gen.º: 29-31.
- " (Dr. José Coelho de): 226-227
- " (José Ferreira de): 300
- " (Leis Guilherme Nunes de): 92
- Casimiro (Augusto): 7, 23, 24, 33, 35, 44, 45, 54, 55, 57, 61, 215 e 267.
- Castelo-Branco (Carrilo): 193.

- Castro {Alvaro de}: 76-79, 85, 87-89, 189-190, 221 e 337.
- " {Jaime Leirão de} genl.: 167, 175, 304, 305 e 313
- " {João^m Basílio Cerqueira e Sousa de Al. Lupuergue e} ministro: 151-153
- " {João^m Pereira Pimenta de}, genl.: 166, 170
- " {José de}, de.: 76, 77, 79-88.
- Carejeira {Dr. Manuel Glz.}: 64, 65 e 68.
- Cerqueira {João^m Basílio}: v. Castro
- Chapas {Fr. Antonio das}: 4
- " {Ant.^o Fernando do Prego}, Kau. c.^o: 30
- " {João}: 29, 149 e 250
- Chaves {Franc.^o Sá}: Kau. c.^o: 103
- Chicharro {Dr. Vasco de Sousa} medico: 109.
- Coelho {Alberto Vieira}, Kau.^o: 50, 54, 55 e 57.
- Cardes {João José Sinel de} cont.: 103 e 105
- Carreira {Fernando de Silva}: 33
- " {Vigilio}: 34
- Corte - Real {Lazaro}, maior: 215
- " " { " do Almeida}, cont.: 206, 212
- Cartezão {Ant.^o Augusto}: 9
- " {Jaime}: 4, 6, 7 e 9.
- Costa {Dr. Afonso}: 17, 19, 76-82, 85-86, 89 e 279.
- " {Alfredo}: 236-238, 248 e 269
- " {Arbuz}: 19 e 57.
- " {Celestino Rodrigues da}, alferes: 54 e 55.
- " {Dr. Franc.^o José Fernandes}: 51, 52 e 130
- " {José Fontes}, Kau. c.^o: 95.
- " {Manuel Ant.^o da}: 131 e 133.
- " {Julio Dias da}: 74.
- Cauceiro {Simplicio de Paiva}: 14, 25, 98 e 338.
- Cautinho {Vitor Hugo de Azevedo}: 150 e 167.
- Cautô {Teotónio Moniz Barrelô do}: 46, 47, 53, 59 e 61.
- Crisostomo {Agostinho do Nascimento}, alferes: 139, 153 e 154.

- Cruz { Alfredo Eduardo de } capitão : 58
 " { Aurelio de Azevedo } ten. 1.º : 105, 106 e 100
Curto { Amílcar Ramada }, estud. 1.º : 3
Daudet { Alphonse } : 214
David { Ant.º Esquivel }, ten. cor.º : 260 a 265.
Dias { Ant.º Gonçalves }, poeta : 270
 " { Henrique de Carvalho }, ten. 1.º : 122
Doré { Gustavo } : 214
Duarte { Afonso }, poeta : 33 a 35.
 " { José Fernandes } : 45, 54, 55 e 57.
 " { Geofilo } : ten. 1.º : 144.
Eça { Pereira de }, gen.º, ministro : 114 e 122
Elisio { Galvão }, poeta : 228
Falcão { Família }, Miranda do C.º : 35.
Faria { Dr. }, medico em Lagos : 185 e 203-205.
 " { Bernardo }, g.º : 203
 " { José Leoni Palermo de } : 104.
Feijó { Cor.º } : 54
Feliciano { Julio Machado } medico : 274 e 276
Ferrão { Dr. Antonio } : 30 e 31.
Ferreira { Alice Sim.ª da Costa } : 172
 " { Ant.º Aurelio da Costa } : 90, 123, 166, 167, 172 e 177
 " { Romano Baruahe' } : cap.º : 302
Ferrer { Manuel Marques dos S.ºs } : 4, 34 e 35.
Figueira { Luis A. de Campos } : 283 e 284
Figueiredo { Alberto Basso de }, major : 306, 318, 330, 332-336.
 " { Belchior de } : 243
 " { José da Costa } : cap.º : 273 e 275.
Foch { Ferdinand } mar.º : 306
Fonseca { Julio de Figueiredo }, medico : 43-44, 56, 83, 84 e 132
 " { Pasquillo da }, ten. 1.º : 154
 " { Tomás da } : 124
Fontes { Virpilio de Menezes }, ten. 1.º : 139
Fernosinho { Dr. Judice }, medico : 241.

- França { Salvador Pinto da } : 314
Franco { Anatole } : 62.
Franco { Ceuseth.º João } : 30
 " { Luis Augusto de Oliveira } : 45.
Frazão { ... Franco } da Chaprinha : 98
Galvão { Cornudadão }, de Góis : 7
 " { Vitorino Peres Furtado } : 258-259.
Garcia { Alberto Torres } : 4 e 7.
Garrett { Visconde de Almeida } : 1.
Gauthier { Geophile } : 240
Gomes { Amaro de Azevedo } : 186-187.
 " { Francisco } coronel : 60, 63, 73, 91, 102, 120,
 122, 187, 297 e 305.
 " { Manuel Teixeira } : 137 e 210-213
Gonçalves { Antonio Augusto } : 141.
 " { Antonio Joaq.º } major : 138 e 144
 " { Gil Pereira } : 132 e 134
 " { Manuel Lopes } : 141
Grave { João Maurício } : 142, 160 e 214.
Halphen { Louis } : 246
Haurique { Infante D. } : 217 e 218
Hauriques { Floro } : 26, 51, 124 e 305.
Herclano { Alexandre } : 1, 124.
Hugo { Vitar } : 202.
Jués de Castro : 109.
Juglès { Abaim }, superh.º : 242
Jvens { Duarte }, car.º : 56 e 265.
Jourdain { Monsieur } : 247
Leal { Apolinario José } : 231, 241, 279, 280, 282,
 289 e 338.
 " { Franc.º da Cunha } : 159 e 337
Laitão { Antonio } advogado : 7
 " { Lucas Emilio Monteiro } : 141 e 174
Leite { Manuel de Oliv.º } : 45.
Lemos { Padre }, cartulario no Seminário : 66 e 67.
 " { Viriato Ribeiro de }, ten.º car.º de Infantaria :
 Escola de republição : 122.

- Leite (José Veloso) : 195, 215, 216, 224-226
Lessing : 129.
Lima (Eunício de Campos Ferreira) : 30
Lisboa (Irene) : 62
Lobo (Dr. Francisco Miranda da Costa) : 312.
 " (Jaime Lopes) : 51.
Lopes (Fernão) : 245.
 " (João Carlos Braveiro), major : 145-169, 176
Lourenço (Julio da Couc.ª Pereira), ten. : 107 e 108
Macedo (Armando) : 303-305.
Madail (Ant.º Gomes da Rocha) : 65.
Magalhães (João Evangelista Pinto de), gen.º : 276-279,
 285-288.
 " (Dr. José de) : 15.
Mauzo (Ant.º da Rocha), medico : 231, 233, 241 e
 249-251.
Mariães (Cap.º) : 196.
Marques (Ant.º de Oliveira) : 134.
Martins (Dr. Francisco) : 69-73.
 " (Dr. José Gardete), medico : 175.
Mata (Luis Filipe de) : 80
Matos (Dr. Daniel de) : 10, 11 e 304.
 " (José Mendes Norton de) : 256, 263-264, 267,
 268, 271 e 279.
Medeiros (Manuel Gaular de) : 80, 81 e 87.
Melo (Antonio Barbas de) : 135.
Meudes (Gastão de Sousa), Prof.º : 170
 " (João.º Gonçalves), cap.º : 258.
Meudonça (Alvaro de), cor.º : 235-236
 " (José Gonçalves de) J.º, cor.º : 93.
Meuneres (Guilherme Teles de) : 131.
 " (Mario Sibus Ribeiro de) : 276-277.
Moujardino (Família) : 60
Monteiro (Alberto dos S.ºs Pereira) major : 336-337
 " (David), alferes : 197, 201 e 202
Morais (Alexandre de) : 258
Mota (Amílcar), cor.º : 335.

- Mota {Carlos da Costa}: 231-233, 234, 241 e 249-251
 " {Luiz José da), ten.^{te}: 54-56 e 132-135.
Mourão {Alexandre Martins) car.^{el}: 280, 305, 307
 e 311.
Navarro {Judite), escritora: 38
Neves {P.^o João da Silva Campos): 67 e 68.
 " {Dr. José Afonso Baeta): 231, 232 e 235.
Nobre {Dr. Barros), Professor: 142
Nogueira {Franc.^o Inacio Dias), gois: 7 e 8.
Nunes {Jorge): 242
Oliveira {Alcide de): 302
 " {Alexandre de Almeida): 46 e 47.
 " {Eduardo da Cunha): 24-26.
 " {Ezequiel Judice de): 199, 200
 " {Frederico E. F. de) car.^{el}: 305.
 " {Dr. José Maria de): 243.
 " {Dr. " Rodrigues de): 228, 240-241, 243-
 245, 293 e 296.
 " {Julio Carrão de), ten.^{te}: 112-115.
 " {Luiz Alberto de) cap.^{ão}: 297
Pais {Alberto da Silva): 284-288.
 " {Sidónio): 252-253, 269-271, 274, 275, 285, 289, 291,
 301, 316, 320, 324-327.
Pascoais {Teixeira de): 310.
Passos {Guilherme da Costa), ruajar: 93, 97 e 98.
Pegado {Antônio), Oliv.^o do Hosp.^{el}: 290 e 291.
Pereira J.^o {Antônio Pires) ten.^{te}: 114 e 115.
 " {Dr. Augusto da Costa): 44
Péres {F.) funcionario dos C. P. P.: 325.
 " {José Domingues) car.^{el}: 263
Pestana {Hermenegildo Augusto dos Santos) car.^{el}:
 264, 268, 282 e 302.
Pimenta {Alfredo): 126-128
 " {Antônio M.^a): 149, 162, 168 e 234
 " {Franc.^o de Assis): 7, 66 e 69
 " {José Augusto): 69, 126-128
Pimentel {F. Lobo): 285 e 286.

- Pina { Adolfo Cesar }, ten. c.º Eupenhiº : 166
Pinto { Dr. Alberto de Moura } : 186-189, 205-207,
 cap. VIII, todo; 242, 244, 248-252, 289-291 e 296.
 " { Luis dep.º Pimentel } : 30
Pires { Eurico de Saupaios Saterio } : 14.
Portugal { Felisberto }, Prof.º : 56.
Ramos { Ant.º Justino }, major : 192
 " { João de Deus } : 11-13.
Raposo { Carlos } : 279, 280, 282, 283 e 289.
Rato { Paul Frederico }, ten.º : 197 e 203.
Rebello { Jacinto Inacio de Brito }, c.º : 199, 200 e 219.
Reis { José Mendes dos }, cap.º : 25.
 " { Luis da Camara } : 35
Roche { Manuel João Paulo } : 207 e 208.
Rosado { Tomás Ant.º Garcia } : 103 e 114.
Russo { Dr. Antonio Lopes } : 160, 161.
Sacadura { Dr. Arnaldo } : 294 e 295.
Salazar { Ant.º de Oliveira } : 245
Saldanha { Marechal Dupue de } : 149.
Salgueiro { F. . . . } Cor.º medico : 303 e 304.
Saupaios { Gen.º Ferjáz de } : 25.
Sande { Antonio Pereira de }, major : 256
Santos { Antonio Machado dos } : 257, 276, 820 - 288
 e 292
 " { Gaspar dos } : 135.
 " { Clemenerico Barja dos } : 34.
 " { Julio Ribeiro dos } : 191-192
Saraiva { Dr. Ant.º de Sousa } : 7.
Sarmiento { Gen.º José Estevão de Moraes } : 32
Schubert : 112
Seabra { Alfredo Balduino de } : 178-179 e 185.
Serra { Dr. José Antunes Vaz } : 41.
Silva { Alino Caetano da } : 75 e 82.
 " { Ant.º dos Santos e } : 18
 " { Augusto Gonçalves e } : 294 e 295.
 " { Jooceucio Franc.º da } : 123
 " { Jaime Carr.º da } : 318-326 e 334-335.

- Silva { Manuel Caetano da } :
 " { D. Manuel Luis Coelho da }, Bispo : 67.
 " { Gen.^{al} Rodrigues da } : 311.
Silveira { Alberto da }, gen.^{al} : 204.
 " { Partypal da }, major : 173.
Simões { Frederico de Freitas Gonçalves } : 237.
 " { Pacheco }, ten. cor.^{al} : 31 e 32
Soares { Dr. Augusto }, ministro : 279
 " { Nogueira }, engen.^{h.} : 270-274.
Solnal { José Colaco Alves } : 135.
Soromenho { Augusto Cesar Dires }, cor.^{al} : 195 e 216
Sousa J.^{al} { Dr. Antonio de } ministro : 78.
 " " { Antonio Gomes de } cap.^{al} : 50, 51, 307,
 310-316, 323-334, e 336-337.
 " { Antonio Moreira de }, Prof.^{al} : 142
Stendhal : 3.
Taloni, agronomo : 141
Tamagnini { Fernando }, gen.^{al} : ver Alves
Teixeira { Dr. José Pedro }, Prof.^{al} : 318
Triposo { Falcão }, Pintor : 205, 208-210 e 216
Urbano { Padre } da Paróquia de Serra : 5 e 6.
Vasconcelos { Dr. Ant.^o Garcia Ribeiro de } : 63
 " { José Augusto Pereira de } : 274.
Viana { Eurico Sales } : 141, 142, 170, 175 e 214.
Vicente { Gil } : 199
Vieira { Leonel Neto de Lima } alferes : 196, 201, 202, 210-
 213, 219 e 220
Vigny { Alfred de } : 102
Zamith { João de Moraes }, major : 58

III

Varia

- Alvares: 178, 267.
- Adesão (a minha) ao Partido Unionista: 74.
- Adesivos: 2, 20, 21, 131 e 232.
- Ajudante do P. J. n.º 23: 255-256, 268 e 269.
- Alcains, 3.ª Baixa: 95, 99 e 121.
- Alferrarede: 177.
- Algarve: 178, 180 e 182.
- Alhedo (Ribeira do): 50 e 51.
- Alpedrinha: 94, 95 e 99.
- Alvôr (Algarve): 193.
- Ancudossiras (s), no Algarve: 180.
- Angola: 264.
- Aniversário (O 1.º) da República: 27 e 28.
- Ano de 1911: 1 e reg.^{tes}
- " " 1912: 38 e reg.^{tes}
- " " 1913: 62 " "
- " " 1914: 102 e reg.^{tes}
- Arade (Bacia e castelo do), Algarve: 181 e 227.
- Arganil: 230, 234-238, 256 e 298.
- " {Circulo eleitoral de}: 291.
- Arquivo da Câmara Municipal de Lx.ª: 124.
- " Histórico Militar: 344.
- Assafarpe: 298.
- Azueira: conc.º de Mafra: 110.

- Badajoz {Agencia monárquica em 1933}: 15
Barrigudo {Monte do}, Beira: 111 e 119.
Batalhão de Caçadores n.º 3: 197
 " " " " n.º 5: 25.
Beira Baixa: 99, 196 e 213.
Beirão {O}, jornal de Cast.º Branco: 171
Belisarismo: 44-45.
Beusaprim, Algarve: 210-213.
Boa-Viagem {Serra da}: 100.
Botão, aldeia, Coimbra: 283.
Bragança: 215.
Cabo Mondego: 101.
 " de S. Vicente: 217
Caçadores {Batalhão de}: ver Batalhão.
Cadetes do Sidónio Pais: ~~297~~, 299
Campo-Maior: 70 e 73.
Capinha, aldeia da Beira-Baixa: 94, 95, 98 e 100
Capitão {A n.º promoção}: ver Promoção.
Carbonaria: 146 e 147.
Cartismo, em Espanha: 15.
Carnaxide, S.ª da Rocha: 277.
Carrinha, Algarve: 180 e 182.
Cartas, minhas: 23, 24, 46, 58 e 215.
 " espirituais: ver Chapas {Fr. Ant.º das}
 " seu jornal neuhuma, de Teix.º Gomes: 210
Cartório do Seminário: ver Coimbra: Cartório.
Cavallio {Biblioteca do Gen.º Marquis de}: 29-31.
Castelo-Branco: 92, 95, 100, 122, 123, 135, 137-176,
 179, 183, 188, 189, 201, 204, 214, 215,
 221, 222, 227, 228, 257 e 266
Catras das Cabeçadas: 4 e 6.
Beira, Coimbra: 298
Cauterário do Inf.º D. Henrique: 219
Centro Dr. José Falcão: ver Coimbra.
 " Unionista: ver Coimbra.
Chaleiros, Maife: 105, 106 e 110
Ciupueitã anos de vida militar, de G. de Sousa: 312

- Cimbra: Academia: 75
- " : Arquivo Universidade: 63-66 e 102
- " : Guerra Navarros: 231.
- " : Baucos Ultramarino: 250
- " : Bibliot.^a de Universidade: 63, 69 e 102
- " : Cartorio do Seminário: 66, 67 e 102
- " : Centro Dr. José Falcao: 293, 294 e 296
- " : " Unionista: 241-243, 293-296.
- " : Cimiterio de S.^{to} Ant.^o dos Olivais: 60
- " : Convento de S.^{ta} Clara: 24, 25 e 310.
- " : Estatuto da Faculdade Conceição em S.^{ta} Clara: 87-91.
- " : Lago das Azevias: 231.
- " : " do Dr. Miguel Bombarda: 242
- " : " da Portagem: 202
- " : Orfeão Academico: 10
- " : Penitenciaria: 258
- " : Politica (A) Republicana: 16
- " : Pies do Sueira - Costas: 242
- " : Suas industrias: 53-54
- " : Vale de Cozellas: 268
- Colégio de S. Fiel, Beira B.^a: 121 e 188.
- Comercio da Louza, jornal: 191-192
- Comícios de propaganda: 3 a 9.
- Comissão Municipal Unionista de Lopo: 205
- Companhia de Jesus: 14, 15, 20, 41 e 230
- Condeixa - a - Nova: 48.
- Congo Partipues: 215.
- Congresso do Partido Unionista em 1916: 244
- Conselho Sup.^o de Promoções: 267.
- Conspirações monarquicas: 2, 10, 14, 15, 22, 25, 75 e 150-151.
- Constituintes de 1931: 3, 3, 9 e 21.
- Corpo Expedicionario Partipues: 263-264, 268-269 e 326.
- Coruche: 177.
- Cova da Beira (Beira Baixa): 98 e 100

- Covilhã : 98 e 134
Cruz dos Marouços (Combate da) : 29, 31, 32, 39, 117.
Debate {0}, jornal de Coimbra : 184
Declaração de Guerra, da Alemanha : 256
Defesa {A} de S.^{ta} Clara, jornal de Coimbra : 184.
Democrático (Partido) : 29, 42-44, 73, 74, 132-134,
 138, 170, 191, 205, 243, 257, 260, 268, 269,
 271 e 274.
Diário de João Chagas : 149.
Dicionário Bibliográfico de Innocencio : 123.
 " " Militar, 2.^a edição :
Ditadura do G.^l Pimenta de Castro : 171, 190, 220 e 222
Divino {0} S.^{ta} de Serra de Serride : 68
Divisão Auxiliar Partup.^a à França : 1914-1915 : 143,
 175 e 256.
Eleições em 1911 : 229.
 " " 1915 : cap. VIII
Elvas : 153 e 167.
Escalões de Baixo e de Cima : 94 e 95.
~~Escalões~~ Escola Central de Oficiais, Mafra : 102-115.
Escola de Repetição {ad 9.^a} : 47-53.
 " " " de 1913 : 92-98 e 137.
 " " " " 1915 : 235-236 e 256.
Espanha {A} e a República : 16
Espanhards {A} Mauser - Verpueiro, seu falerico
 na Alemanha : 311.
Espiritismo seu Lopo : 197-198.
Esquadra Pylesa no Tejo, em 1811 : 21 e 22
Estorimar, Algarve : 180
Estoril (Casino do) : 271.
Estrela {Serra de} : 92 e 100
Estremoz : 153
Exercício de Quadros nas Linhas de Torres : 117 e 119.
Exército, generalidades : 312
Evora : 153.
Faculdade de Direito (A criação da) em Lx.^a em 1813 :
 74 a 89.

- Gajão, Paufrilhos da Serra : 4
Baro : 222.
Batela, B.ª Baixa : 100
Figueira da Foz : 100, 146, 230, 234, 235, 257 e 298
Filosofia Positiva : 45.
Folhas Novas, Coimbra, em 1910 : 124 e 125.
Fernipa Branca : 155.
Foz do Arouce : 48
Gata (Serra da), Espinha : 93 e 167
Generalato (O meu) : 56
Gente Singular, de Teix.ª Gomes : 280 e 213.
Góis : 7, 8, 231 e 236
 " {A demanda de} : 70-73.
Gradil : 110 e 111.
Grémio Lusitano : 80, 82, 86 e 88.
Grippe Pneumônica, em 1918 : 302-303
Grupo de Art.ª em S.ª Clara (1918-1919) : 313
 " " Metralh. n.º 5 : 24, 25, 46, 47, 59 e 61.
Guardunha (Serra da) : 92, 98, 100 e 167
Guerra Peninsular (Cont.ª da) : 26 e 27.
 " de 1914-1918 : 120-122 e 306
Hotel Valenciano, Valença do M.º : 197.
 " Viola, Praia da Rocha : 223.
Igreja Nova, Mapa : 105 e 130
Incursoes monarchica em 1911 : 27 e 28.
 " " " 1912 : 46 e 61
Informação anual de 1916 : 264-267.
Instituto Dr. Ricardo Jorge : 15
Inspeção de Infant.ª na 5.ª Divisão Militar : 297,
 298 e 306
Instituto (O) de Coimbra : 312
Instrução Militar Preparatória na 5.ª Divisão Mi-
 litar : 297-299.
Insubordinação militar em Inf.ª 23 : 13-14
Intervenção Portuguesa na Guerra de 1914-1918 :
 120 e 256
Intolerancias Política : 57 e 58.

Introdução á História, de L. Halphen : ver
Halphen

Inventário de Junho, de Teix.ª Gomes : 210 e 212.

Jardim-escola de João de Deus : 10-13.

Jesuítas : ver Campesinês de Jesus

Junta Militar do Norte, em 1918-1919 : 253, 314-338.

" de Inspeção p.ª major : 303 e 306.

Lagos : 172, 178, 182, 183, 187, 188 e 193-228.

Letras de mon moulin, de A. Daudet : 214.

Liga Militar Republicana : 1

Linhas de Torres : 131

Listas : 123.

Litografias : 109.

Loja Perseverança : 131 e 133.

" Partugal : 76, 83, 84, 130, 134-136

" Redenção : 132

Laurã : 48, 192 e 298.

Luso : 284.

Luta (A), jornal de Lx.ª : 14, 15, 74, 123, 185, 187,
204-207, 232 e 243.

Más vontades b.ª com a Republica : 26, 47 e 48.

Maconaria portuguesa : 76, 80, 81, 87, 90, 129, 130-
136 e 278.

Maíra : 101, 102 e 114.

" : Óafada : 22 e 23.

Manifestação das espadas, em 1915 : 148-166, 221,
228 e 230

Manutenção militar : 95 e 97.

Maria da Fonte (Revolução de) : 131.

Marrocos : 180

Marsena (a retirada de) em 1811 : 33.

Maupin (M.ª de), de Th. Gautier : 240

Meimão, Beira B.ª : 94 e 100.

Memórias (As) : 247.

" " do Gen.ª Tamagnini : 313-316

Mexilhacira Grande, Algarve : 225

Miranda do Corvo : 40, 48, 50, 299 e 300.

- Mizarela, Termas do Mondego : 49.
Mocimbeque : 264.
Monarquia do Norte, em 1219 : 25, 253, 267, 308 e 338-339.
Monchique {Serra do} : 194.
Montaralinho {Termas do} : 175.
Monografia de Mir. do Carvo : 60, 63, 69, 73, 91, 102, 298-300.
Monsanto, Beira B.^{na} : 99, 100 e 167.
Martelas, conc.º de Sintra : 308.
Movimento de 28 de Maio : 20 e 246.
Mucela {Serra da} : 48.
Mundo {O}, jornal de Lx. : 17, 184, 187 e 191.
Murgelira, conc.º de Mafra : 107.
Nação {A}, jornal de Lx. : 148.
Nelas : 292.
Neurastenia : 38 e 41.
Noticias da Beira, jornal de Cast.º Branco : 170, 173.
Olêdo, Beira B.^{na} : 144.
Oliveira do Hospital : 233-234 e 220.
Organização militar de 1911 : 47.
Patheiros de Buarcos : 100.
Paup'rihosa da Serra : 3, 5 e 6.
Participação portuguesa na Guerra de 1914-18 : 257.
Partido Evolucionista : 44, 230, 253 e 254.
 " Liberal Republicano : 253 e 254.
 " Progressista : 249-250.
 " Republicano Português : 36, 17, 19 e 56; e ver Democrático.
 " Unionista : 18-19, 73, 74, 203, cap.º VIII e cap.º IX; pag. 271 e 279.
Passeios e Viagens, mihi : 6.
Peucova : 48 e 49.
Peuamacôr : 94 e 100.
Peuela : 298.
Penitenciaria de Coimbra : ver Coimbra.
Pere Pinheiro : 108 e 109.